A black and white portrait of an elderly woman with short, wavy, light-colored hair. She is wearing round-rimmed glasses and a dark coat with a light-colored scarf. She is looking directly at the camera with a serious expression. The background is dark and out of focus.

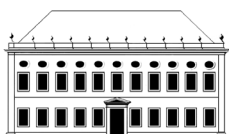
Carmen Soares
Delfim Leão
Frederico Lourenço
Rui Morais
(Coords.)

SAECVLVM

HOMENAGEM A
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



No Ano do Centenário de Maria Helena da Rocha Pereira, figura marcante dos Estudos Clássicos e da Cultura Portuguesa, a obra *Saeculum* reúne testemunhos de discípulos e amigos que com ela privaram. Neste volume destaca-se o rigor e a solidez do seu percurso académico, vasto e multifacetado, de filóloga classicista, versada em literatura portuguesa e referência no estudo de vasos gregos.



D O C U M E N T O S

U | I

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

Augusto Brázio

INFOGRAFIA

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

REVISÃO

Pedro León

ISBN

978-989-26-2804-2

ISBN DIGITAL

978-989-26-2805-9

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2804-2>

DEPÓSITO LEGAL

553957/25



**CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Unidade de I&D
financiada por **fct** Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia Criado em 1967
UIDB/00196/2025
UIDP/00196/2025

Esta publicação é financiada com Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito dos projetos do CECH:
UIDB/00196/2025 e UIDP/00196/2025.

SAECVLVM

**HOMENAGEM A
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA**

**Carmen Soares
Delfim Leão
Frederico Lourenço
Rui Morais
(Coords.)**



Fotografia: Augusto Brázio, 2003

SUMÁRIO

PRÓLOGO

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA:

UM LEGADO ÚNICO DA ACADEMIA COIMBRÃ..... 9
Amílcar Falcão, Reitor da Universidade de Coimbra

ADMIRAÇÃO E GRATIDÃO NO CENTENÁRIO

DE MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA..... 13
Albano Figueiredo, Diretor da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

PREFÁCIO

A FELICIDADE NO SABER, NO ESTUDO.

EM NOME DE MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA 17
Carmen Soares, Coordenadora Científica do Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

O QUE INTERESSA É O MESTRE VIVO –

TRIBUTOS A MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

POEMA *KURÍA MOU*..... 23
Hélia Correia

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, TRADUTORA DE HOMERO 27
Frederico Lourenço

O PARADIGMA PERDURA 33
José Ribeiro Ferreira

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. ENTRE ANTÍGONA E ISMENA..... 43
Maria do Céu Fialho

PAUSÂNIAS: O MAIOR DESAFIO DE UMA CARREIRA CIENTÍFICA	55
Maria de Fátima Silva	
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA E A CULTURA ROMANA.....	63
Francisco Oliveira	
O CUIDADO DO CORPO E DO ESPÍRITO NO OLHAR DA IDADE MÉDIA ...	69
António Rebelo	
VIVÊNCIA E TRADIÇÃO GRECO-LATINA DESDE OS ALVORES DO	
RENASCIMENTO: A OBRA DE MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA ...	83
Nair de Nazaré Castro Soares	
<i>KALOS KAI AGATHOS</i> E O AMOR PELA ARTE CLÁSSICA.....	91
Rui Morais	
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA (DNA, SUPLEMENTO SEMANAL	
DO <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i> , DEZEMBRO DE 2003).....	101
Anabela Mota Ribeiro	

EPÍLOGO

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA:	
UM PERFIL SINGULAR DE EXCELÊNCIA UNIVERSITÁRIA	119
Delfim Leão	

PRÓLOGO

(Página deixada propositadamente em branco)

**MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA:
UM LEGADO ÚNICO DA ACADEMIA COIMBRÃ**

Ao assinalar-se o centenário do nascimento da Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, a Universidade de Coimbra presta homenagem a uma das mais luminosas figuras do seu passado recente – mulher de ciência e de cultura, pedagoga de exceção, investigadora incansável e exemplo cívico e institucional. É com sentido de dever, mas também com emoção e profundo respeito, que me associo, enquanto Reitor da Universidade de Coimbra, a este tributo que celebramos com múltiplas iniciativas, entre as quais se inclui a publicação deste volume, símbolo de memória e gratidão, mas também de inspiração futura.

Maria Helena da Rocha Pereira é, de facto, uma das figuras maiores da Academia coimbrã e do panorama científico português dos séculos XX e XXI. A sua obra, imensa em alcance e profundidade, e a sua vida, marcada por uma dedicação rigorosa ao saber, representam aquilo que de melhor a Universidade pode aspirar a formar e a acolher: uma personalidade íntegra, intelectualmente vibrante, humanamente distinta e institucionalmente comprometida.

Primeira mulher doutorada na Universidade de Coimbra – numa época ainda marcada por resistências visíveis à presença feminina nos altos patamares da Academia –, Maria Helena da Rocha Pereira não só ultrapassou barreiras como abriu caminho a gerações. A sua determinação tranquila e o seu sentido ético deixaram marcas profundas em todos quantos com ela conviveram. Aluna brilhante,

discípula deferente, mestre inspiradora, tornou-se referência nacional e internacional na área dos Estudos Clássicos, refundando este domínio em Portugal com um rigor, uma erudição e uma visão que continuam a dar frutos até aos nossos dias.

A ligação umbilical que manteve com a Universidade de Coimbra é por demais conhecida e merece aqui ser sublinhada. Foram mais de seis décadas de serviço à causa do conhecimento e do ensino, mesmo depois da jubilação formal. A sua casa era extensão da Universidade, e a sua biblioteca – hoje felizmente integrada na Biblioteca Geral da UC – continua a testemunhar esse vínculo de rara coerência entre o pensamento e a ação. A Universidade foi para Maria Helena da Rocha Pereira mais do que um espaço de trabalho: foi, no sentido mais pleno, o seu lugar de missão.

Mas a sua marca vai além da investigação e do ensino. Foi também Vice-Reitora da Universidade de Coimbra num período particularmente exigente, enfrentando desafios administrativos e políticos com a serenidade e o discernimento que a caracterizavam. Exercendo esse cargo com discrição e firmeza, soube contribuir para a estabilidade e prestígio da Instituição, num tempo em que esses valores nem sempre eram garantidos. A sua atuação, sempre ponderada, ilustra bem a força tranquila de quem se afirma mais pelos feitos do que pelos discursos, mais pela substância do que pelo artifício.

O seu papel como Mestre é, ainda hoje, motivo de admiração. Milhares de alunos passaram pelas suas aulas, sempre exigentes, sempre claras, sempre impactantes. Os seus manuais – como os volumes de *Estudos de História da Cultura Clássica*, ou as célebres antologias *Hélade* e *Romana* – continuam a ser referência incontornável na formação de estudantes e professores em todo o espaço lusófono. A sua tradução de *A República* de Platão, que contou com dezassete edições, é exemplo raro de como o rigor académico pode aliar-se ao sucesso editorial sem comprometer a exigência intelectual.

Em tempo de transformação acelerada, é particularmente importante reafirmar figuras como Maria Helena da Rocha Pereira como faróis éticos e científicos. A sua obra, pautada por um escrúpulo filológico invulgar e por uma permanente atenção à dimensão humana da cultura, é um convite à ponderação necessária para compreender, à paciência do estudo, à humildade perante os grandes textos da Humanidade. Numa época em que a Universidade é desafiada a encontrar equilíbrio entre tradição e inovação, o seu exemplo oferece uma resposta serena e firme: nada de verdadeiramente novo se constrói sem enraizamento no que perdura.

É por tudo isto – e por muito mais que os textos reunidos neste volume ajudam a compreender – que a Universidade de Coimbra tem a honra e a responsabilidade de celebrar este centenário com uma homenagem à altura da grandeza da sua figura. O livro que agora se publica é expressão concreta dessa gratidão coletiva. E que este gesto de reconhecimento sirva, também, como sinal para as novas gerações: o caminho da excelência e da integridade, mesmo quando exigente, é sempre recompensador. A Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira provou-o com a sua vida.

Coimbra, setembro de 2025

Amílcar Falcão
Reitor da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

**ADMIRAÇÃO E GRATIDÃO
NO CENTENÁRIO DE
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA**

No dia em que escrevo este breve texto – 3 de setembro de 2025 – cumprem-se cem anos sobre o nascimento de uma das mais prestigiadas e prestigiantes figuras da nossa *Alma Mater*: a Senhora Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

As suas invulgares qualidades científicas e pedagógicas marcaram, desde cedo e por muitas décadas, milhares de estudantes, professores e investigadores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e de várias outras partes do mundo, que puderam beneficiar do seu saber, do seu rigor e da sua competência, amplamente demonstrados em cada uma das suas aulas, em cada uma das palavras das suas conferências e em cada linha das suas obras escritas. De resto, os seus estudos académicos e, assim, os resultados das suas investigações continuam a ser hoje referência primordial no campo dos Estudos Clássicos, nacional e internacionalmente. É, como se sabe, e por certo seguirá sendo, autoridade máxima em campos que desbravou e deu a conhecer.

Relembro, com admiração e gosto particulares, as suas aulas de História da Cultura Clássica, que pude cursar, como seu aluno, no ano letivo de 1989/90. Haveria, depois, de ter o privilégio de assistir a várias das suas palestras, a que fui somando a leitura de muitas das suas publicações, sempre repletas de minuciosa novidade de saber e de rasgo humanístico sólido. Mais tarde e mais de perto, foi-me possível

apreciar o seu labor em outros domínios, como o dos trabalhos de edição crítica de textos literários, em especial os relativos à epopeia de Luís de Camões. Essas minhas experiências foram, afinal, as de muitas gerações, que lhe estão profundamente gratas e reconhecidas.

A Universidade de Coimbra, de que foi vice-reitora, e a sua Faculdade de Letras, de que foi, por muitos anos, presidente do Conselho Científico, muito a admiram e muito lhe devem. Contribuiu inequivocamente, em muitos casos de modo pioneiro, para projetar em tantos lugares os seus nomes. O conhecimento que produziu e o exemplo que deu continuam a ser faróis para todo o corpo académico da FLUC, algo que, estou certo, não mais será esquecido pelas gerações vindouras, que, nos seus livros e artigos científicos, terão sempre lições de valorização das Humanidades e das Artes.

É, portanto, justo que o seu nome passe a estar ainda mais intrínseca e simbolicamente ligado à sua Casa. A sala maior de leitura e investigação do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra passará, por esse motivo, a ter a denominação de Sala Maria Helena da Rocha Pereira, assinalando, também por essa via, a admiração e a gratidão que com este gesto queremos adicionalmente testemunhar num ano e num momento tão especiais. É uma decisão que tomo como forma de reforçar, muito justamente, a ligação de toda a comunidade FLUC a uma académica brilhante, que deu o melhor de si ao Ensino e à Investigação no seu país e no estrangeiro.

Admiração e gratidão é, pois, o que nesta ocasião tão especial e única quero reiterar, em nome de toda a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, à Senhora Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

Coimbra, setembro de 2025

Albano Figueiredo

Diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

PREFÁCIO

(Página deixada propositadamente em branco)

A FELICIDADE NO SABER, NO ESTUDO.
EM NOME DE MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA.

O tilintar de um molho de chaves, que a mão manuseia no rotineiro gesto de abrir as portas do “seu” Instituto de Estudos Clássicos. Ouvimo-lo vezes sem conta.

Reconhecemos nesse som – hoje rememorado com saudade – o anúncio da presença da Professora Doutora, da orientadora, da mestra, da diretora, da colega, da amiga.

Maria Helena da Rocha Pereira foi (e continua a ser) tudo isso, para o coletivo que promove a publicação do livro *Saeculum. Homenagem a Maria Helena da Rocha Pereira*: o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Habituíamo-nos à sua presença assídua no gabinete que era seu, com vista para a imponência do Palácio Real e para a serenidade do Mondego. A porta aberta, entreaberta ou encostada, convidava-nos ao encontro, para esclarecer dúvidas, colocar problemas ou, simplesmente, trocar palavras de simpatia e apreço.

Entendemos retribuir o tanto que fez e o muito que legou aos Estudos Clássicos e à Cultura Portuguesa através de um programa de atividades que compõem o Ano do Centenário do Nascimento de Maria Helena da Rocha Pereira (3 de setembro 2025-2026).

Figura pioneira na academia de Coimbra, responsável por trilhar caminhos de ensino, investigação e gestão então maioritariamente masculinos, Maria Helena da Rocha Pereira distinguiu-se pelo rigor e

solidez de uma obra vasta e multifacetada de filóloga classicista, versada em literatura portuguesa e referência no estudo de vasos gregos.

Como esclareceu em entrevista dada em 2003 ao *DNa*, então suplemento semanal do *Diário de Notícias*, foi-lhe particularmente cara a aceção de “**felicidade no saber, no estudo**”. O cultivo intenso dessa felicidade entreteceu-o a estudiosa com uma carreira de liderança universitária, tanto nos órgãos da Universidade de Coimbra (Vice-reitora, 1970-71), como da Faculdade de Letras (Presidente do Conselho Científico, 1976-89).

Decidimos convidar um conjunto de pessoas que privaram, tanto a nível profissional como pessoal, com Maria Helena da Rocha Pereira, para darem público testemunho do impacto que a Professora, Orientadora, Mestra e Amiga teve nos diversos domínios de estudo que desenvolveu, sem esquecer a sua dimensão de figura de cultura inspiradora e reconhecida pela comunicação social. Oito discípulos/colegas apresentam a marca indelével que deixou enquanto tradutora de Homero, estudiosa da Literatura Grega e da História da Cultura Clássica (tanto grega como romana), professora e investigadora de Teatro Grego, editora de Pausânias e hermeneuta de obras produzidas em latim por autores portugueses, tanto durante a Idade Média, como durante o renascimento, a que somou numerosos estudos sobre a influência dos Clássicos em obras de vários autores portugueses (dos sécs. XVI-XX).

Abrem e fecham este núcleo de *testimonia* académicos, os tributos de duas admiradoras especiais de Maria Helena da Rocha Pereira. Hélia Correia, escritora galardoada com os prémios Camões (2015) e P.E.N. Clube Português (2021), dedica-lhe o poema *Kuría mou* (‘Minha Senhora’). Nessas palavras desvela o afeto e admiração que nela desperta a nossa homenageada. Anabela Mota Ribeiro, reconhecida jornalista portuguesa, recupera a entrevista feita a Maria Helena da Rocha Pereira, para o *DNa*. Nessa conversa, o grande público não só conhece, pela voz da própria, alguns dos seus desa-

fios e conquistas profissionais, como vislumbra vivências pessoais que a sua obra académica não contempla.

Porque ***Saeculum*** é uma obra de homenagem, encerramos o seu prefácio destacando qualidades que sobressaem da personalidade e da obra de Maria Helena da Rocha Pereira:

Saber

Argúcia

Excelência

Competência

Universalidade

Liderança

União

Mérito

Coimbra, setembro de 2025

Carmen Soares

*Coordenadora Científica do Centro de Estudos Clássicos
e Humanísticos da Universidade de Coimbra*

(Página deixada propositadamente em branco)

O QUE INTERESSA É O MESTRE VIVO
TRIBUTOS A MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



Fotografia: Augusto Brázio, 2003

KURÍA MOU

I

Tapo os ouvidos com as mãos, sempre que subo
à Acrópole Sagrada. Porque quero
escutar a sua voz,
dar todo o espaço à parte do meu cérebro
na qual a sua voz ficou gravada,
essa voz lenta, cheia do seu peso,
naturalmente modelada,
ao mesmo tempo
a voz da Grécia e a voz
do ensino da Grécia,
a voz que punha
de novo a cor no mármore das colunas
e dava extraordinária eloquência
ao canto das cigarras, como fundo.

Eu não me lembro de pisar o chão,
não me lembro de gente. E, no entanto,
deviam abundar os visitantes,
tal como abundam hoje,
esses que acordam
no animal que eu sou
instintos brutos e territoriais,
quase homicidas,

e que atiram comigo para trás,
para muito antes de existir a Grécia
e a sua cultura hospitaleira.
Acordam o desejo de extermínio.

Tapo os ouvidos para que regresse o dia
em que ela andou comigo por Atenas
e tudo o que eu já vira, e vi depois,
se encheu de linguagem e de luz,
se revelou em todo o seu real
e eu corri o risco de cegar.

Temí ser castigada por entrar
nos trilhos intocáveis, pela mão
desta minha Senhora que sorria
da minha palidez, da consciência
da minha indignidade.

E ainda hoje
levo a mal que os viajantes, com o seu peso
e com o seu desequilíbrio de fotógrafos
comprometam o rasto dos seus pés.

II

Ah, como o céu de Delfos ainda guarda
o esplendor dessa tarde, a tarde em que
foi à minha Senhora concedido
o dom do voo, como recompensa
de uma vida votada ao amor da Grécia
- falo de amor e não de erudição,
pois sobre muitas outras matérias tinha ela,

minha Senhora, erudição inigualável.
Mas ali estava a autêntica morada,
essa morada que a acompanhava
onde quer que ela fosse, já que nunca
se separou completamente da encosta
calcorreada pelos peregrinos
por séculos e séculos, de modo
que já não se distingue o que foi pedra
do que foi ansiedade na subida,
do que foi a poeira humedecida
por tanto pé lavado que a pisou.

Minha Senhora procurava a fonte
referida por Pausânias, a Cassotis,
cuja água corria para o chão,
desaparecendo nele sem o alagar.
Procurava o escondido, o invisível,
e o próprio chão se comoveu e, junto ao templo,
levantou de si mesmo um vento leve,
perfumado pelas folhas de loureiro,
e soergueu-a delicadamente,
ajudando-a no resto da subida.

Os turistas, em baixo, não se achavam
preparados para a vista do sublime.
Foi um silêncio quase doloroso,
uma adaptação ao inumano.
Depois, o vale inteiro estremeceu
num grande aplauso. O próprio santuário
vibrava alegremente. Nunca houvera,
naquele lugar festivo,
festa assim.

Entre a minha Senhora e a Grécia Antiga
havia, há mais do que o conhecimento,
do que um encontro de sabedorias.
Havia, há, aquele entendimento
a que alguns chamam predestinação,
que entra no nascituro e determina
a cor azul nos olhos, a cor grega,
e que encaminha o pensamento
muito para além dos muros do jardim.

Minha Senhora viu, por outras vezes,
as montanhas da Grécia submetidas
à sua elevação. Eu sei.
Voava ainda, já fechada
pela doença, e os olhos reluziam
sob a intensidade com que, às vezes,
me narrava os seus sonhos.

O extraordinário dessa tarde em Delfos
foi terem os mortais visto aquele voo.
Decerto eram estrangeiros desprovidos
de informação profunda, como é próprio
dos turistas que rumam
para o sul.
Porém, a bênção da inquietação
desceu sobre eles
e seguramente ainda hoje encaram
com superioridade
a vida comezinha dos seus pares.

Hélia Correia

**MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA,
TRADUTORA DE HOMERO**

Frederico Lourenço

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0000-0001-8064-3679

Não obstante a afirmação muitas vezes repetida (ouvi-a, da boca da própria, numa sessão no Teatro Nacional de São João, Porto, em abril de 2010) de que não gostava de traduzir, Maria Helena da Rocha Pereira (MHRP) foi uma tradutora exímia de textos gregos e latinos. Ficarão, como modelos de rigor linguístico, as suas traduções da *República* de Platão e de tragédias sofocianas e euripidianas. Além disso, várias gerações de estudantes puderam contactar pela primeira vez com a riqueza da literatura greco-latina graças às duas antologias que granjearam, há muito, o estatuto de ‘clássicos’: *Hélade* e *Romana*.

Foi justamente na antologia *Hélade* (cuja primeira edição saiu em 1959) que MHRP publicou as suas traduções de Homero. Dir-se-ia que, na *Hélade*, Homero constitui uma ‘antologia dentro da antologia’, pois a opção da compiladora foi apresentar as passagens mais belas e representativas da *Ilíada* e da *Odisseia*. Para permitir, porém, ao leitor uma impressão mais clara do efeito da poesia homérica, a antologia *Hélade* contém, a par de passagens soltas das duas epopeias, a tradução integral de um canto da *Ilíada* (Canto I) e de um canto da *Odisseia* (Canto VI).

Sobre a metodologia seguida pela tradutora no seu trabalho sobre Homero, encontramos algumas informações valiosas no Prefácio da *Hélade*. Em considerações gerais sobre a tradução de poesia grega, diz-nos MHRP que a preocupação de ‘cingir de perto a forma do original me levou a traduzir linha por linha os trechos poéticos (o que, por um lado, permite numerá-los e citá-los com maior facilidade), de molde a dar ao leitor *a sugestão gráfica do verso*’.

Seria impossível exagerar a importância desta opção fulcral. E louve-se, já agora, a independência da helenista portuguesa, que não se deixou influenciar pelo formato em prosa seguido pelas traduções homéricas nas duas edições que, na altura, seriam paradigmáticas: a da editora francesa Les Belles Lettres; e a da coleção americana Loeb Classical Library. Com efeito, a opção por apresentar o texto traduzido linha a linha permitiu mais rigor na tradução e, sobretudo (para estudantes e curiosos que não tinham acesso ao texto grego), permitiu citação e localização rigorosa dos versos homéricos em tradução. O figurino (digamos assim) desenhado por MHRP teve para mim valor modelar quando me lancei na empresa de fazer a tradução integral da poesia homérica: era claríssimo para mim que, para a minha tradução ser útil a quem não lia grego, era fundamental que o leitor pudesse facilmente localizar e citar os versos.

O Prefácio à antologia *Hélade* oferece-nos, ainda, uma reflexão preciosa que está diretamente direcionada para a problemática da tradução de Homero. Trata-se do parágrafo em que MHRP refere a dificuldade em verter para português os epítetos homéricos, ‘escolho máximo dos tradutores da *Ilíada* e da *Odisseia*, pela impossibilidade de as vazar em idiomas a que falta a flexibilidade do grego’.

De facto, o epíteto homérico é tipicamente um adjetivo composto que constitui uma única palavra em grego – a qual tem de ser traduzida de forma perifrástica em português, já que a língua portuguesa não admite a formação compósita de adjetivos. Assim, os Aqueus que, em grego, são *eúknēmides* (εὐκνήμιδες; uma palavra), em

português são ‘de belas cnémides’. Apolo que, em grego, é *argurótoxos* (ἀργυρότοξος: uma palavra), em português é ‘senhor do arco de prata’.

Outra dificuldade concernente aos epítetos homéricos, que é abordada no Prefácio à *Hélade*, tem que ver com as dúvidas que se levantam quanto ao seu significado. Sobre este tema, MHRP mostra-se atenta às últimas descobertas linguísticas (sabemos como a sua facilidade na língua alemã lhe permitia acesso pleno aos artigos na revista *Glotta*). Para uma helenista portuguesa a escrever nos anos 50, não deixa de nos impressionar ainda hoje o facto de ela ter afirmado seguir as interpretações do dicionário de Liddell-Scott, numa época em que os classicistas portugueses se limitavam ao dicionário de Bailly (muito inferior ao de Liddell-Scott, mas que apresentava a vantagem de ser em francês – a segunda língua das pessoas escolarizadas em Portugal até ao fim do século XX).

O rigor na consideração dos problemas referentes aos epítetos levou a opções que nem sempre agradaram a leitores menos informados do que MHRP. O exemplo típico é o epíteto da deusa Atena, *glaukōpis* (γλαυκῶπις), que ela traduziu por ‘de olhos garços’ (opção que eu próprio também segui). Pessoas menos iniciadas nos meandros da linguística grega exprimem, por vezes, a opinião de que a tradução certa do epíteto seria ‘com olhos de coruja’, interpretando o primeiro elemento da palavra como referindo-se a *glaux* (γλαῦξ, ‘coruja’) e não a *glaukós* (γλαυκός, ‘azulado’). Mas MHRP sabia bem que a palavra homérica para ‘coruja’ não é γλαῦξ; e percebeu que se trata de um epíteto cromático, que aponta para a cor do mar (cf. *Il.* 16.34). Certamente lhe teria agradado a expressão que apareceria mais tarde num conto da sua autora predileta, Sophia de Mello Breyner Andresen (*Era uma Vez uma Praia Atlântica*): ‘Tinha os olhos de um cinzento nebuloso como o mar de inverno mas, às vezes, um sorriso os azulava e então pareciam muito claros’.

No caso do epíteto *boōpis* (βοῶπις) aplicado à deusa Hera (e a outras personagens femininas na poesia homérica), MHRP fugiu

à tradução literal ‘olhos de vaca’, dando antes a sua preferência ao significado que ela depreendeu do seu sentido subjacente: ‘de olhos grandes’ (e.g. *Il.* 1.551). Talvez a tradutora tenha achado a tradução literal (‘olhos de vaca’) inestética. Quando eu próprio tive de puxar pela imaginação para pôr este epíteto em português, juntei a explicação dada a seu respeito no comentário à *Iliada* de G. S. Kirk (‘with placid gaze, like that of a cow’) com a expressão ‘face de toira’ que Sophia de Mello Breyner aplica a Neera na sua ‘Homenagem a Ricardo Reis’ no livro *Dual*.

Um dos problemas na tradução dos epítetos homéricos é que podem ter mais de um sentido; e o tradutor vê-se constrangido a escolher um deles. No caso de *hekēbólos* (ἑκηβόλος), aplicado a Apolo, MHRP optou por ‘que acerta no alvo’ (e.g. *Il.* 1.96); a outra opção seria ‘que acerta de longe’ (ou ‘que acerta ao longe’). Por vezes, dá-se o caso de não ser possível atribuir um sentido incontroverso ao epíteto. É o que se passa com a expressão em genitivo *balòs atrugétoio* (ἄλòς ἀτρυγέτοιο: e.g. *Il.* 1.337), em que o elemento -τρυγ- sugere τρύξ (‘mosto’) ou τρύγη (‘cereal’), embora se tenha também apontado a derivação a partir de ἄτρυτος (‘infatigável’). MHRP seguiu a proposta do dicionário de Liddell-Scott: ‘barren’ (em português, ‘estéril’).

Confrontada, por vezes, com a falta de uma equivalência direta em português para alguns termos, MHRP preferiu uma palavra grega aportuguesada, como ‘Hefesto Anfigieu’ para ἄμφιγύης Ἡφαιστος (e.g. *Il.* 1.607-8). Notamos também o recurso ao próprio termo grego, simplesmente transliterado e colocado em itálico: *crateres* (*Il.* 1.470).

É sabido que MHRP tinha a intenção de expandir a antologia de Homero na *Hélade* e publicar traduções integrais da *Iliada* e da *Odisseia*. O período em que teve finalmente tempo para se dedicar a essa tarefa só veio depois da jubilação, fase da sua vida em que se manteve ativa com muitas solicitações e projetos. É pena que o não tenha feito, porque, na verdade, MHRP tinha todas

as qualidades necessárias para levar a cabo esta tarefa. Os seus muitos artigos sobre Homero e os capítulos exemplares dedicados à poesia homérica no primeiro volume de *Estudos de História da Cultura Clássica* (sempre atualizados nas novas edições) mostraram a sua atenção à problemática variada que o estudo de Homero suscita: desde a arqueologia ao labirinto infindável da ‘Questão Homérica’. A sua facilidade em ler alemão também a vocacionou para um domínio ímpar da bibliografia homérica.

Mas sobretudo havia uma sensibilidade poética (certamente sóbria, como convinha à personalidade de MHRP) capaz de transparecer nos momentos da tradução em que ela avultava necessária. É o caso desta passagem magnífica do Canto VIII da *Ilíada* (555-565), que fica como testemunho da qualidade e do talento de MHRP como tradutora de Homero:

Tal como no céu cintilam claras as estrelas
em volta da Lua resplandecente, nos dias em que no ar não há vento,
brilham todos os cumes, os altos promontórios
e os vales, no céu rasgou-se o éter imenso,
todos os astros se vêem, e alegra-se o pastor no seu coração,
— assim entre as naus e a corrente do Xanto
brilhavam as fogueiras acesas pelos Troianos defronte de Ílion.
Mil fogos ardiam na planície, e junto de cada um,
à sua luz incandescente, sentavam-se cinquenta homens.
De pé, junto dos carros, os cavalos mastigam a branca cevada
e a espelta, enquanto aguardam a chegada da Aurora de trono formoso.

Termino com uma nota pessoal. O nome de Maria Helena da Rocha Pereira impôs-se à minha consciência no meu primeiro ano como estudante do 1.º ano na Faculdade de Letras de Lisboa (1984-1985). Senti imediatamente uma admiração enorme pelo rigor e pela clareza da sua produção científica; e aderi em pleno à sua forma

ao mesmo tempo anglo-saxónica e germânica de escrever, numa altura em que a intelectualidade portuguesa se pautava pelo modelo francês. Li tudo o que pude da sua pena e, quando era estudante do 3.º ano, atrevi-me a escrever-lhe uma carta. Para espanto meu, recebi uma resposta pronta e amabilíssima.

Ao longo da minha carreira em Lisboa, a simpatia da Doutora Rocha Pereira em relação a mim foi-me sempre muito grata, culminando na sua participação como arguente na defesa da minha tese de doutoramento. As arguições da Doutora Rocha Pereira eram temidas em Lisboa (pois tinham ficado célebres as ‘sangrias’ por ela efetuadas nos doutoramentos de Maria Helena Ureña Prieto, Maria de Lourdes Flor de Oliveira e Joaquim Lourenço de Carvalho – às quais não assisti, por terem acontecido antes do meu tempo; mas assisti à sua arguição implacável do doutoramento de Victor Jabouille em 1986, que nunca esquecerei!). Pude beneficiar da simpatia que a Doutora Rocha Pereira tinha por mim no dia do meu doutoramento com a sua arguição construtiva e branda; e, mais tarde, fui o destinatário da sua generosidade, quando escreveu no jornal *Público* uma recensão elogiosa à minha tradução da *Odisseia*.

Fica aqui a homenagem à grande Professora que sabia não só inspirar os outros como dar-lhes o incentivo indispensável à construção das suas próprias carreiras na Universidade.

O PARADIGMA PERDURA

José Ribeiro Ferreira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0009-0002-9444-9548

Cabe-me abordar nestas fugidias linhas a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira como professora e investigadora em Literatura Grega e História da Cultura Clássica – duas linhas que marcaram a sua vida e a de milhares de alunos seus que se estenderam pelo país e fora dele...

E, no que me diz respeito, tive a Doutora Rocha Pereira como Professora e Mestra, desde o ano em que entrei na Faculdade e em várias cadeiras, com marca especial na História da Cultura Clássica, na Literatura Grega e no Seminário de Grego – e, é evidente, na orientação das teses de licenciatura e de doutoramento.

E sempre nela encontrei a segurança e o método a guiar-lhe os passos, sempre os princípios e as normas a moldar-lhe os atos... Sempre que saía ou chegava um livro ou aparecia numa revista um artigo a abordar assuntos de matéria que investigávamos, lá nos aparecia no cacifo ou na gaveta a respetiva ficha com todas as devidas indicações e todos os dados, para os podermos consultar e ler...

Caracterizada por invulgar tenacidade e amor ao trabalho, espírito de iniciativa, entusiasmo e fidelidade a valores e princípios, a atividade científica e cultural da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira é vasta e variada, quer temporal, quer tematicamente. Abrange quase

todas as épocas e diversificados domínios da Antiguidade Clássica – em especial nas áreas da Cultura Clássica e da Literatura e Arte gregas – e estende-se à literatura e cultura portuguesas, da época medieval à contemporânea. Ocupam, no entanto, lugar à parte nas suas preferências de professora e investigadora a Cultura Clássica e a Literatura Grega.

Inicia o seu longo magistério com as *Lições de Literatura Latina*, proferidas no Centro de Estudos Humanísticos, em 1952...

Em 1954, já Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, publica na *Humanitas* “Notas a um passo de Píndaro (*Ol. II. 77-78*)” – autor que muito lhe diz e pelo qual mostra especial predileção –, artigo que merece referência de E. Thummer na *Anzeiger* (11.2, 1958, p. 76). No mesmo ano e na mesma revista *Humanitas* (5-6, 1953-1954, pp. 65-70), publica “Acerca do Hades em Hesíodo”, em que analisa alguns passos das obras do poeta de Ascra referentes ao Além, em especial os versos 717-819 da *Teogonia*, e mostra não haver diferença considerável entre a conceção homérica e a desse poeta.

Os trabalhos que antecedem, de certo modo, preparam a sua dissertação de doutoramento, que dedicou ao tema aliciante das concepções do Além e que precisamente se intitula *Concepções helénicas de felicidade no Além, de Homero a Platão* – obra que foi bem acolhida nos meios especializados e que, na opinião de W. F. J. Knight, é livro sólido, exato, claro e atraente¹.

Trata-se de um estudo de religião, de mitologia e de literatura gregas que recorre também aos dados da arqueologia e da epigrafia (pp. 21-23 e 59-61, respetivamente)² para, nas três partes que o cons-

¹ KNIGHT, William F. J., recensão em *Revista Filosófica* 22 (1959), p. 134. Este estudo aparece publicado em ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira. Vol. I: Estudos sobre a Grécia Antiga – Dissertações*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, pp. 11-172.

² Cito e dou a paginação do referido volume I das *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira*.

tituem, fazer um percurso pela evolução na crença de um Além feliz, analisar as descrições literárias desse Além e tratar por fim dos temas.

Na primeira parte (pp. 19 sqq.), estuda a evolução da crença num Além feliz, desde as crenças mais antigas que aparecem traduzidas em mitos, como Campos Elisios (pp. 26-28), Ilhas dos Bem-Aventurados (pp. 28-30), Ilha de Leuce (pp. 30-34), Hiperbóreos (pp. 34-36), Jardim das Hespérides (pp. 36-39); ou a crença na Bem-Aventura no Hades (pp. 39-45). Trata depois dessas ideias nos séculos VI e V a. C., em que aborda o Orfismo e o Pitagorismo (pp. 47-51), Empédocles (pp. 51-53), os testemunhos da poesia lírica e dramática (pp. 53-59) e os dados da epigrafia (pp. 59-61). Num terceiro capítulo analisa essa crença em Platão (pp. 63 sqq.), nos mitos do *Górgias* (pp. 66-67), do *Fédon* (pp. 67-68), de Er (pp. 68-70), do *Fedro* (pp. 70-72) e do diálogo pseudo-platónico *Axíoco* (pp. 72-73). E a primeira parte termina com o estudo das lâminas de ouro que versam essa mesma doutrina da felicidade no Além (pp. 75-81).

A segunda parte procura analisar as descrições literárias desse Além feliz, a começar na do Canto da *Odisseia* IV.561-569 (pp. 85-90); e continuar pelas Ilhas dos Bem-Aventurados em Hesíodo (pp. 91-97). Faz de seguida a análise do além dos bem-aventurados em Píndaro, com referência especial para o mito da II *Olímpica* (pp. 99-115) e para o Frg. 129 Snell (pp. 115-119). Aborda, de forma breve, as crenças no além parodiadas nas *Rãs* de Aristófanes (pp. 121-126) e, de seguida, estuda com mais pormenor os mitos escatológicos de Platão, acima referidos (pp. 127-138) e o do pseudo-platónico *Axioco* (pp. 139-141).

Por fim, a terceira parte faz a apreciação dos temas dessas descrições, relacionando-as com o gosto dos autores e com a mentalidade grega (pp. 143-152).

A respeito deste livro *Concepções helénicas de felicidade no Além, de Homero a Platão*, escreveu na altura Pierre Boyancé que se trata de obra sobre assunto de enorme complexidade e riqueza, apresentada com grande clareza de linhas e elegante sobriedade de

pensamento³... E, para utilizar palavras de Ettore Paratore, de tal trabalho “doravante se não poderá prescindir no estudo de tema tão árduo e fascinante”, como é o do Além⁴.

O estudo *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte* (1961), dissertação de concurso para Professor Associado, é outro marco na carreira de Maria Helena da Rocha Pereira⁵. Constituído por três partes, nele demonstra que o referido fragmento não é da autoria do famoso poeta de Teos. Para isso começa por historiar, na primeira parte, a transmissão da obra autêntica de Anacreonte; procede, depois, à análise dos temas, ideias, metros, linguagem e estilo dessas suas poesias autênticas, comparando-as com as *Anacreontea*. Entra de seguida, na questão que se propõe no trabalho – a da autenticidade do fragmento 44 Diehl; na segunda parte, dá uma notícia histórica do problema dessa autenticidade (pp. 225-230)... Por fim, na terceira (pp. 231-294), fundamenta as dúvidas sobre tal autenticidade, fazendo referência aos temas principais do poemeto, que são a velhice, o Hades e o Tártaro e a irreversibilidade da descida aos locais subterrâneos, e respetiva análise desses tópicos através da literatura grega até ao séc. IV a.C.; e acaba por concluir que a composição do poemeto deve datar da época romana ou, quando muito, da helenística (pp. 295-300).

A respeito de *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*, António Freire sublinha que se trata de estudo do “apurado sentido crítico da mais escrupulosa heurística” e de “carácter rigorosamente científico”⁶.

³ BOYANCÉ, Pierre, recensão em *Revista Filosófica* 22 (1959), p. 126.

⁴ PARATORE, Ettore, “Il mondo della fantasia narrativa greca”, *La Fiera Letteraria* XII 17 (1957), p. 7 = *Revista Filosófica* 19 (1957), pp. 120-122.

⁵ Este estudo surge coligido no referido volume I das *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira*, intitulado *Estudos sobre a Grécia antiga – Dissertações* (2013), pp. 173 sqq.

⁶ FREIRE, António, “Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte”, *Brotéria* 76 (1963), p. 506.

São marcantes muitos dos seus ensaios e artigos – os que tratam de poesia grega, de tragédia grega, de epopeia que não a homérica, de teoria política, de história das ideias, de estética literária. São trabalhos e artigos notáveis que ajudaram a impor a sua Autora a nível nacional e internacional.

Entre eles, são emblemáticos os estudos que dedica a Homero, Píndaro e Anacreonte – três poetas da sua preferência – e que publica, quer em língua alemã, quer em vernáculo: “Textkritisches zu Pindar *Ol.* 2. 76-77” (1964); “Anakreon” (1966); “Pindars Wertbegriffe” (1976); “Fórmulas e epítetos na linguagem homérica” (1984); “O herói épico e o herói trágico” (1986); “Nos alvares da cultura europeia: os Poemas Homéricos” (1988); “Amizade, amor e Eros na *Iliada*” (1993); “História, mito e racionalismo na *Iliada*” (1995); “Eros e *philia* nos *nostos* de Ulisses” (1996); “Oralidade e escrita nos Poemas Homéricos – estado actual da questão” (1997); “Os caminhos da persuasão na *Iliada*” (2000); “A teia de Penélope” (2003).

Entre os mais significativos estudos sobre estética literária, contam-se os ensaios sobre a importância da poesia e sobre a posição e missão do poeta na sociedade grega, nos quais são apontados e analisados exemplos desde os Poemas Homéricos e Hesíodo até Baquilides e Teógnis de Mégara... É o caso dos artigos intitulados “Poesia e poetas na Grécia Arcaica” (1961) e “O conceito de poesia na Grécia Arcaica” (1961), a que se pode ligar também o estudo de 1966, saído em Espanha, sobre a noção de fragilidade e efemeridade do Homem na poesia grega arcaica (“Fragilidad y poder del hombre en la poesía griega arcaica”); e ainda “Poesia, persuasão e poder em Sólon” (1994).

O teatro grego mereceu-lhe sempre cuidado e atenção. Quase se pode dizer, sem grande exagero, que à sua iniciativa deve o estudo sobre tal matéria, em especial a tragédia, o florescimento que teve em Portugal: iniciou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a leção da cadeira de História do Teatro; traduziu, a pedido do Doutor Paulo Quintela, a *Antígona* de Sófocles e a

Medeia de Eurípides, para serem representadas pelo TEUC – Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra; no Seminário de Grego, que dirigia, incentivou muitos alunos de Filologia Clássica a apresentarem, como tese de licenciatura, a tradução de uma tragédia ou de uma comédia, com estudo introdutório e notas...

Conto-me entre os que receberam esse benéfico incentivo, de que resultou o meu primeiro trabalho de investigação, com que me licenciiei: *Eurípides, Andrómaca*. Introdução, tradução e notas (1971). E quantos outros não dirão palavras idênticas!...

Quase se poderia afirmar que arranca dessa sua atividade a versão para língua portuguesa de todo o teatro grego chegado até nós – projeto que está concluído ou em vias de se materializar.

Os estudos que dedicou ao teatro grego constituem um corpus com importância, que me apraz sublinhar, mas de que refiro apenas alguns exemplos mais elucidativos, para não ser fastidioso nem alongar a exposição: além das introduções que precedem as traduções que realizou, publicou “O Coro na tragédia grega” (1959); “Mito, ironia e psicologia no *Orestes* de Eurípides” (1989); “Valores civilizacionais na *Medeia* de Eurípides” (1991); “*Sophia* e *mania* em *As Bacantes* de Eurípides” (1996); “*Lexis* e *opsis* na tragédia grega” (2001); “O drama grego: paradigma ou catarse?” (2003). E incluo neste parágrafo “O herói épico e o herói trágico” (1986), embora se ligue também à épica homérica.

Por outro lado, não deixou de refletir sobre o mito, quer no que concerne à sua origem e teorização, quer olhando-o na sua materialização concreta e individual, a cada passo para fazer a ponte para a sua receção na literatura portuguesa. Apresento apenas alguns exemplos: “Enigmas em volta do mito” (2000); “O mito na Antiguidade Clássica” (2004); “Ética, mitologia e teatro na Grécia antiga” (2006).

A teorização política e a história das ideias foram outros temas que suscitaram o interesse de Maria Helena da Rocha Pereira. E não é de

somenos o grupo de trabalhos que sobre o assunto publicou, quer da cultura grega, quer da romana. Cito, entre outros, “O mais antigo texto europeu de teoria política” (1981); “O diálogo dos Persas em Heródoto” (1990); “Sentido do amor à terra pátria entre os Gregos” (1985); “Nas origens do humanismo ocidental: os tratados filosóficos ciceronianos” (1985); “Paideia” (1994); “Entre o *Epos* e o *Logos*. Xenófanos de Cólofon” (2000). Apraz-me registar nesta secção um conjunto de estudos sobre as ideias fundacionais da Europa e sua relação com o pensamento greco-latino: “Les fondements classiques de l’idée européenne” (1997); “Valeurs grecques dans la culture européenne” (1999); “Unité et pluralité culturelle: le paradigme de l’Empire Romain face aux défis de l’Union Européenne” (2004).

Relacionado com o tema da história das ideias, está o da história das crenças e da religião, que lhe mereceu cuidadoso interesse, aturado labor e muitas horas de investigação. Vimos já que às crenças e religião da Grécia antiga dedicou a sua tese de doutoramento. Mas esse estudo aparece continuado por um conjunto de bem fundamentados e inovadores trabalhos que impuseram Maria Helena da Rocha Pereira como autoridade na matéria. Estudos como “O Jardim das Hespérides” (1991) ou “Virgílio, poeta da paz e da missão de Roma” (1992).

Devo também notar que, nos últimos anos da sua vida, graças a um investimento do Instituto de Estudos Clássicos e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos no estudo da obra de Plutarco e graças também à criação de uma Associação de Plutarco, a SoPlutarco, que estabeleceu uma rede com outras universidades que possuem associações congêneres, o seu interesse se canalizou também para esse polígrafo, embora já em tempos anteriores sobre ele tivesse publicado. Anoto os trabalhos: “Introdução geral a Plutarco” (1999), “Os Diálogos Píticos de Plutarco” (2002).

Autor da especial estima de Maria Helena da Rocha Pereira é, porém, Pausânias.

São vários os trabalhos que, sobre assuntos diversos, lhe dedicou: “Sobre a importância das informações de Pausânias para a história da língua grega” (1966); “La valeur du *Vindobonensis Va* dans la tradition manuscrite de Pausanias” (2001).

E são muito mais ainda as horas que passou a estudar a sua obra *Graeciae descriptio* – ou mais especificamente *Pausaniae Graeciae descriptio* – e os manuscritos que no-la transmitem. Essa investigação, e demorada atividade, culmina na edição crítica de *Graeciae descriptio*, editada pela Teubner – três volumes que se foram sucedendo a espaços regulares (respetivamente, em 1973, 1977 e 1981): o I Tomo com os primeiros quatro livros; o II com os livros cinco a oito; e o III com os dois restantes livros (nove e dez) e os índices. E, como se percebe, a edição contém um conjunto de índices (pp. 189-328), a ocuparem quase metade do terceiro volume, que, exaustivos, são preciosos para quem necessita de recorrer ao sem-número de citações, de nomes, de artistas, de obras e monumentos que aparecem referidos na *Descrição da Grécia* de Pausânias.

Este trabalho da edição crítica da *Graeciae descriptio* (já em 2ª edição, 1989-1990) representa a *akmê* da brilhante carreira de Maria Helena da Rocha Pereira, dedicada à investigação, ao ensino e à cultura. Com críticas muito favoráveis nas revistas da especialidade, tornou-se edição padrão para Pausânias.

A sua atividade científica não se alheava da atividade docente, desde as suas primeiras *Lições* no Centro de Estudos Humanísticos do Porto. É que a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira vivia o gosto de ensinar e de contactar com os alunos: cada aula deve ser, em sua opinião, um “trabalho de criação e de renovação constante”⁷.

O mesmo pendor pedagógico se manifesta no cuidado que sempre teve em dotar as cadeiras que lecionava dos instrumentos essen-

⁷ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Poesia Grega Arcaica*, Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1979; 2.ª ed. 1994. p. 6.

ciais de trabalho. Foi para o ensino, e, naturalmente, a pensar nos seus alunos, que organizou uma antologia de textos gregos, *Poesia grega arcaica* (2ª edição de 1994), em grande parte uma poesia muito fragmentada e de acesso não muito fácil. Foi com objetivos idênticos que publicou os dois volumes dos *Estudos de História da Cultura Clássica*, na Coleção de Manuais Universitários da Fundação Calouste Gulbenkian: a *Cultura Grega*, saída em 1965, e a *Cultura Romana*, publicada quase vinte anos depois, em 1983, com edições sucessivas, revistas e ampliadas – a *Cultura grega* já vai na décima segunda edição (2017) e *Cultura romana* na quinta (2013). Aliás, sempre foi cuidado que norteou a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, o da atualização dos seus livros, em edições sucessivas.

Igualmente a pensar nos alunos, organizou e traduziu, em estreita ligação com os dois volumes acabados de citar, duas antologias de textos: *Hélade. Antologia da Cultura Grega* (em 1959), cujas edições, ampliadas e atualizadas, se foram sucedendo (vai na 10ª, de 2009); e a *Romana. Antologia da Cultura latina*, já em sexta edição (2010) – a primeira, publicada em 1976, tinha o título de *Res Romanae*.

Com um sentido apurado dos deveres e valores universitários, sempre soube dar prioridade à Escola e sua dignificação. Não é de estranhar, por isso, que à atividade docente e de investigação se fossem acrescentando, com naturalidade, outros encargos e cargos científicos e universitários; que se tenham multiplicado de ano para ano – em representação da Universidade, da sua Faculdade ou de outras entidades – o número de Comissões de que foi participante ativa; os convites para intervir em congressos ou outras realizações culturais.

A sua formação humana e gosto pela cultura, que fundamentaram o modo de estar na vida, manifestam-se nos mais pequenos pormenores. Espírito imbuído de curiosidade e em alerta constante, manifestava plena disponibilidade para acolher e admirar quanto é belo ou obra de arte, quer fosse manifestação da Natureza, quer fruto da realização do homem...

Elegeu como norma a atualização permanente e estava sempre predisposta a aplicar os novos métodos e teorias, com o judicioso critério e o devido rigor. E também sempre pronta a partilhar as novidades e a mais recente bibliografia: os seus orientandos e discípulos desde cedo se habituaram ao solícito fornecimento de indicações bibliográficas que regularmente apareciam na gaveta do correio, ou à chamada de atenção para a novidade ou interesse de algum artigo ou livro.

E não é descabido – antes me parece justo – aqui sublinhar a afirmação que, na notícia da sua morte em abril de 2017, o *Público* trouxe em relevo: “Morreu a mulher que aprendeu com os Gregos que as coisas belas são difíceis”.

Um paradigma a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira – um paradigma que perdura...

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA:
ENTRE ANTÍGONA E ISMENA

Maria do Céu Fialho

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0000-0003-2115-9638

Os olhos são a janela da alma. Para quem estava mais próximo da Mestra, a linguagem dos seus olhos azuis deixava perceber a curiosidade, a atenção circunspecta ou deliciada, a reprovação, a ternura e a alegria, o anúncio luminoso da amizade presente.

“Para conhecer alguém são precisos vinte anos”, muitas vezes lhe ouvi dizer, desde os anos da minha juventude, perplexa eu por uma prova tão longa. Mas o que as surpresas da vida lhe foram ensinando levou-a a alargar, progressivamente, esse prazo – nunca cheguei a saber até onde...

Pelo caminho ficaram amizades de que a inconsistência, revelada nas vicissitudes da vida, mostrou a fragilidade, mas também preciosas amizades, resistentes ao tempo e às circunstâncias, cuja presença ou memória lhe iluminavam o rosto e a alma.

As raízes de uma das mais antigas e sólidas amizades remontam aos seus primeiros tempos de jovem Assistente, associada à sua paixão pelos Trágicos Gregos – a de Paulo Quintela, que as ironias que a vida tece haviam, futuramente, de pôr à prova e reforçar. A jovem helenista, que desde sempre assumiu o culto do trabalho

árido de estudo, sentia, ao mesmo tempo, a necessidade de o trato com o Teatro Grego ultrapassar o estudo de gabinete para o espaço teatral – era a força dramática das personagens e dos seus conflitos, decantados para a beleza, força e plasticidade da língua grega, trabalhada poeticamente pelos dramaturgos antigos, a requerer representação.

Estávamos nos anos 50. Não havia ainda o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra cumprido os seus vinte anos de existência e já pela apaixonada, vigorosa e brilhante liderança de um dos seus fundadores – Paulo Quintela – o grupo teatral se notabilizava pela qualidade do seu repertório, do seu elenco, das suas encenações. Paulo Quintela entendia como urgente oferecer ao público o grande teatro do mundo e o melhor do teatro português. Os trágicos gregos tinham de estar presentes nos palcos, em tradução fidedigna e em linguagem com força e fluência performativas – o que pressupõe a proximidade entre tradutor e régie. Quintela recorre, então, à jovem Assistente, discreta, mas já com um invulgar saber e reconhecida pela sua absoluta dedicação ao estudo e aos Clássicos – Maria Helena da Rocha Pereira – que, prontamente, lhe põe nas mãos sucessivamente as suas propostas de tradução para a cena de Sófocles, *Antígona*, e de Eurípides, *Medeia*.

Trabalha o responsável teatral com a helenista. As peças vão à cena, cada uma a seu tempo (primeiro *Antígona*, em seguida *Medeia*). As representações conheceram um êxito retumbante, renovado aquém e além-mar, na brilhante rota artística do TEUC de então e dos anos 60. Ésquilo, *Prometeu*, é também posto em cena em tradução de Ana Paula Quintela, discípula da Mestre e membro do TEUC. Começa, assim, essa sólida amizade, que em outros palcos se viria a evidenciar.

Paulo Quintela era já um reconhecido germanista e figura respeitada nas Letras e na Academia portuguesa. Homem do teatro, republicano de fortes convicções democráticas, o Mestre da

Universidade de Coimbra, com o seu carácter indómito e fogo, o seu *ethos* de integridade granítica, não silenciava as suas ideias, num tempo de silêncio e perseguição. Pagou, na carreira académica, o preço por tal desassombro. O teatro estudantil, por seu turno, constituía um alfobre de espírito crítico e de ideais democráticos, abraçados pelo grupo de jovens pertencentes ao TECU. Dele fizeram parte, e integraram o elenco de *Antígona*, figuras como Manuel Alegre, Manuel Lousã Henriques, Joaquim Romero de Magalhães, Alberto Pimenta. Contam-se, também, Carrington da Costa, Carlos Wallenstein, Fernando Taborda, Fernando Assis Pacheco, Teolinda Gersão, entre outros. Ora a jovem helenista, única mulher, ao tempo, no contexto masculino da sua Faculdade de Letras, e ainda numa posição instável na hierarquia académica, não hesitou em responder ao desafio do responsável teatral do TEUC. É que, acima de tudo, estavam os seus Gregos, a Tragédia Antiga e a Amizade.

Sempre assim a conheci, pondo os valores universais acima da contingência, das contingências em que somos obrigados a viver – e, olhando para trás, penso que foi como numa contingência que Maria Helena da Rocha Pereira viveu no contexto do regime político de então. Acompanhou-a, pela vida fora, a genuína e profunda admiração por parte dos antigos artistas do TEUC, futuros políticos de primeira água, gente do teatro, figuras da Informação e das Letras no Portugal democrático.

O perfil desta Mulher recorta-se e impõe-se, progressivamente, no panorama nacional e internacional pelo seu Saber e como imagem viva da sua dedicação à Universidade e aos Clássicos. Em 1964 é nomeada Professora Catedrática de Literatura Grega da Universidade de Coimbra. O caminho não lhe foi fácil, no contexto de uma sociedade fechada e de uma academia ainda eminentemente masculina – mas tornou-se, tal caminho, também num percurso de aprendizagem de vida para esses olhos atentos e perscrutadores, janela de um espírito arguto, moldado pelo humanismo cristão e

helénico. A jovem catedrática aprendeu que o Saber constitui uma forma elevada, subtil e eficaz de Poder – a forma que, verdadeiramente, valia a pena. Sempre cultivou essa consciência e esse poder.

Senhora de uma invulgar persistência, Maria Helena da Rocha Pereira nunca desistiu das suas causas, referenciadas aos valores universais dos Clássicos, do Saber, da Amizade, dessas “leis não escritas, mas imutáveis, dos deuses”, invocadas por Antígona (*Ant.* 454) – dessa Antígona que a acompanhou desde os primórdios, que se renovou em tradução, sempre renovada, no programa de Cultura Clássica, no Seminário de Grego, comentada e discutida, acima de todas as *tarachai* envolventes, em tempos de perseguição.

Permanecendo Antígona uma figura de referência para a Mestra, conhecendo bem, quem dela era próximo, as suas convicções inabaláveis e a sua persistência, poderá surgir a pergunta – e porque não lhe são conhecidas atitudes de corte radical com o sistema?... Entre escolhos e triunfos, esta Mulher, à medida que se foi, naturalmente, impondo na universidade e construindo a sua carreira, foi aprendendo que, às suas causas, valeria mais a diplomacia; foi aprendendo a afinar a astúcia e o sentido – tão helénico! – do momento oportuno de agir, por dentro do sistema, com a pertinácia de sempre, a arte de perscrutar sensibilidades e afinidades e estabelecer alianças discretas, para intervenção eficaz nos órgãos científicos que integrava, em nome do bem comum universitário. E este bem comum consistia em fazer valer e reconhecer, com justiça, o saber, a competência dos seus pares, não olhando a credos políticos.

Fiel às suas amizades, Maria Helena da Rocha Pereira terça armas, com habilidade e prudência, pelos colegas de mérito, prejudicados, na sua carreira, pelo regime – Paulo Quintela, o seu amigo de sempre, Miguel Baptista Pereira, Vítor Matos, entre outros. Já como Vice-reitora, em tempos conturbados (1970-71), no contexto e sequência de movimentos estudantis, intervém, com a prudência, a diplomacia e determinação características, no sentido de serem

poupados a sanções disciplinares conhecidos dirigentes estudantis, com as consequências daí decorrentes, à época.

Ou seja: a Mestra aprendeu, com a experiência e com os seus Gregos, que a vida na pólis implica cortes e conexões, cedências e conquistas, em nome do bem comum, que determina a *praxis* na *mesotes*, pautada pela *sophrosyne* e cultivando a *philia*. Na complexidade do mundo em que viveu e das épocas que atravessou, com as suas condicionantes e mudanças, Maria Helena da Rocha Pereira, sem ter deixado de ter Antígona como referência, aprendeu que a defesa dos valores universais em que acreditava passava por aprender de Ismena o que Ismena poderia oferecer para uma síntese de eficácia com sua irmã – a eficácia prática, caldeada pela reflexão sobre os pressupostos básicos da *Política* de Aristóteles.

O rigor da Mestra, quanto a competências e a ética universitária, que sempre pautou o seu procedimento e as suas posições no contexto da Alma Mater, granjeou-lhe inimizades por parte daqueles que, apoiantes e protegidos pelo regime de Salazar, viriam a mudar de cor política no estertor final do regime e a tentar uma vindicta pouco digna, a coberto da Revolução de Abril. Evidenciaram-se-lhe, então, traços do perfil de Antígona, enquanto prosseguia, impávida e desacompanhada de falsos amigos, o seu caminho de docente e de investigadora, alheia a tempestades. Porém, a *philia* verdadeira daqueles por quem outrora havia terçado armas falou mais alto do que a tempestade e a consciência desperta, da comunidade académica, de que Maria Helena da Rocha Pereira se convertera em figura intocável, pela sua ética e pelo seu saber, acima de tempestades circunstanciais, explicam como, dois anos volvidos (1976), é eleita pelos seus pares como Presidente do Conselho Científico da sua Faculdade de Letras – cargo que desempenhou, com toda a dedicação, firmeza, diplomacia e proficiência até 1989.

A sua experiência de juventude, de tradução para a cena de *Antígona* e de *Medeia* ofereceria à Helenista matéria para reflexão

sobre a incipiente existência de traduções de teatro antigo entre nós (algumas delas traduzidas de línguas interpostas), sobre a importância e necessidade de se disponibilizarem versões portuguesas fidedignas e de possível utilização no palco – o mais eficaz e contagiante transmissor dos Clássicos. Mais ainda: importava conceber um plano sistemático de tradução de todo o teatro grego para a língua portuguesa. A Mestra havia, entretanto, traduzido Eurípides, *Bacantes*, publicadas em primeira edição na série ‘Grande Teatro do Mundo’, da Livraria Atlântida, onde haviam sido já publicadas as traduções de *Antígona*, de *Medeia* e *Prometeu* (esta última da autoria de Ana Paula Quintela). A sua versão de *Bacantes* é particularmente feliz, fluente e conserva toda a plasticidade, cor, força, ironia do original. Notável é a versão das odes corais, que transmitem a *hesychia* e o movimento, a violência e o misticismo do texto poético-dramático grego. Entre as várias representações encenadas sobre esta tradução, salienta-se a produção de Fernanda Lapa, 1995, pela companhia Escola de Mulheres. A mesma Fernanda Lapa encenou *Medeia* para o Teatro Nacional D. Maria. Mais tarde viria a traduzir, também de Eurípides, *Troianas*, levadas à cena no Centro Cultural de Belém e, em 1994, em Coimbra, pelo grupo Escola da Noite. Finalmente, traduziu *Ájax*, de Sófocles.

Nos anos 60, quando assume a regência do Seminário de Grego, a Mestra começa a pôr em prática a sua visão – era a partir do seminário, no último ano da licenciatura em Filologia Clássica, que eram atribuídos os temas das dissertações de licenciatura. Assim, Maria Helena da Rocha Pereira, concebeu um programa preferencialmente dedicado ao Teatro Grego, com um elenco variável de peças, cujo estudo sucedia a análise da Poética de Aristóteles. Esta oferecia matéria para a reflexão sobre a estrutura e os mais importantes conceitos para a tragédia, como a *hamartia*, e, ao mesmo tempo, deixava perceber até que ponto e por que ângulo o Estagirita pretendia focar a sua atenção sobre o fenómeno da *poiesis* como

mimesis e sobre o modo com entendeu ter decorrido o processo de evolução teleológica da épica ao teatro. Desta planificação resultou um número considerável de teses, cuja estrutura compreendia um estudo teórico e uma tradução anotada de uma peça do teatro grego.

Em 1967, Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira fundam o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e aí prevê a Mestra um espaço editorial vocacionado para a publicação das traduções de teatro que vão surgindo, sob sua sábia revisão de filóloga. Essa linha ficaria, mais tarde, a cargo do eminente Mestre e genial tradutor Walter de Medeiros, e expandir-se-ia, incluindo teatro romano e prosa.

Das traduções publicadas, de autores diversos, várias foram, até hoje, postas e repostas em cena por diversos grupos teatrais (e.g. Ésquilo: *Agamémnon*, *Persas*, *Prometeu*; Sófocles: *Antígona*, *Filoctetes*, *Rei Édipo*, *Traquínias*; Eurípides: *Bacantes*, *Hécuba*, *Helena*, *Íon*, *Medeia*, *Troianas*; Aristóфанes: *Cavaleiros*, *Mulheres no Parlamento*), ou serviram de inspiração para reescritas dramáticas.

Maria Helena da Rocha Pereira encontrou, nos anos 60, num seu jovem Assistente, Carlos Alberto Louro Fonseca, o eco da paixão pelo teatro antigo, na sua dimensão pragmática. Competente filólogo, dotado de uma extraordinária capacidade pedagógica e comunicativa com os seus alunos, bem como de dons artísticos múltiplos, Louro Fonseca incute ou descobre nos estudantes esse gosto pela representação que virá a traduzir-se, por parte de um núcleo talentoso de discentes de Estudos Clássicos, hoje docentes da Faculdade de Letras, na fundação do Grupo Thíasos (1991-1992), já então com um considerável *corpus* de traduções à sua disposição. O Grupo integra hoje o Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos, de que a Mestra foi fundadora conjunta, e tem desempenhado um extraordinário papel de divulgação do Teatro e da Cultura Greco-latina, pelas suas intervenções e representações em escolas, teatros, locais de memória e referência patrimonial.

A Mestra teve, então, com o passar dos anos, o ensejo de ver o seu sonho programático crescer e dar excelentes frutos, de se deliciar com as representações de comédia ou de experimentar o *phobos kai eleos* ao assistir à representação dos trágicos em língua portuguesa e de ver abrir novos caminhos à investigação e à docência de Pós-graduações, Mestrado e Doutorado. O teatro antigo – para o caso, o teatro grego – instalou-se, definitivamente, no espaço público português e continua a ser, como ela o antevira, o meio mais eficaz e contagiante de revelar e transmitir a perenidade e universalidade dos Clássicos.

A Mestra desenvolveu uma reflexão, estudou e publicou ensaística sobre os problemas enfrentados pelo tradutor literário. Curiosamente, para além dos preciosos estudos introdutórios às suas traduções de teatro, relativamente poucos, na sua extensíssima obra, são os trabalhos que publicou, dedicados à hermenêutica do texto dramático. Porquê? Várias vezes me interroguei. Ela parece ter deixado tal tarefa para outros eminentes helenistas, como Manuel de Oliveira Pulquério, mas creio que haveria outra razão, decerto inconsciente: o amor desenvolvido pela linguagem dramática, na sua proximidade de tradutora que ‘ouvia’ o grego na boca das personagens, talvez a fizesse preferir que o texto falasse por si, no inesgotável da sua linguagem poética; preferia ouvi-lo falar nas muitas representações a que teve ensejo de assistir, incluindo aquelas que foram à cena no espaço sagrado dos ancestrais teatros da Grécia, e nas discussões à volta dele, praticadas ou suscitadas pelos seus discípulos. E sempre que percebia o desejo ou a necessidade de algum deles aprofundar os assuntos em discussão, fosse para publicação de trabalhos ou para elaboração de dissertações, generosamente a Mestra punha à disposição de cada ‘alma sedenta de saber’ os livros ou revistas da sua preciosa biblioteca, com uma generosidade sem limites. Havia sempre um livro, um artigo, novíssimo ou mais antigo, que se ajustava às indagações do discípulo – e os livros traziam já, cuidadosamente

anotadas, com a sua inconfundível caligrafia a caneta azul, as resenhas que sobre ele haviam saído em revistas da especialidade.

Revejo e revisito, uma vez mais, os momentos mágicos do Seminário de Grego de há, precisamente, 50 anos. Corria o ‘Verão Quente’ de 1975 e, como atrás referi, no clima de nova abertura e liberdade reconquistada, o excesso e a turbulência oportunística atingiram também a academia, como sempre acontece, ainda que nos momentos históricos mais sublimes. Não foi uma fase fácil para a Mestra mas, como atrás notei, as amizades verdadeiras e o bom senso haviam de prevalecer. Na Sala de Seminário reunia-se, à volta da mesa, um pequeno grupo de jovens assistentes e de alunos. A Mestra, à cabeceira, com os trágicos gregos nos volumes da série oxoniense e a *Poética* de Aristóteles aberta sobre a mesa, à sua frente, prosseguia com cada sessão, alheia a tempestades. A voz de Aristóteles erguia-se de um silêncio como o da Acrópole em tarde de Verão, sem visitantes, ou o do cabo Súnion ao crepúsculo. As cigarras imortais ou o manso lambar do mar homérico nas rochas do promontório talvez se pudessem fazer ouvir, se nos distraíssemos da voz de Aristóteles, mas nela nos concentrávamos, quando o Estagirita definia o que, em seu entender, é a natureza do Coro trágico e a Mestra, com uma ou outra observação cirúrgica, espaçada, seguia, com a atenção vigilante e iluminada dos seus olhos azuis, o curso das nossas interrogações ou até das discordâncias, entre nós, quanto à leitura dos trágicos feita, em alguns pontos, por Aristóteles.

Assim Antígona nos marcou, prosseguindo, indómita, o seu caminho.

Tempestades passaram, outras vieram. A Mestra foi experienciando, por si, na vida académica, aquilo que os trágicos gregos tantas vezes puseram na boca das suas personagens actantes e dos coros, por sua vez aprendido da lírica arcaica e verbalizado por Simónides: “Sendo homem, não digas nunca o que acontece amanhã/e, se vires alguém feliz, quanto tempo o será./ Rápida como o volver das asas de uma mosca, assim é a mudança da fortuna.” (frg. 16 Page, trad.

de MHRP). Em breve lhe caberia presidir ao colégio em que o curso da vida científica na FLUC era regulado. Impunha-se-lhe, então, gerar consensos, em função de decisões que respeitassem e tonificassem a razão de ser da sua Faculdade, no contexto da sua Universidade. A competência persuasora do seu *ethos*, mas também a diplomacia, a firmeza, bem como a sua capacidade de ouvir e de ceder, discretamente, quando, após reflexão, reconhecia as boas razões que tinha escutado na contra-argumentação dos seus pares, constituíram a chave de uma presidência esclarecida dos órgãos académicos que dirigiu.

Antígona e Ismena harmonizaram-se nessa sua inteligente e hábil capacidade de se renovar, que foi apurando ao longo da vida, ultrapassando os rigores das tempestades, sempre devota da devoção ao trabalho, à investigação, aos Clássicos, cujo universo e universalidade entendeu, uma vida toda, ser missão não deixar silenciar. Deles e da sua própria missão lhe vinha muito da sua força. Já após a jubilação, em múltiplas entrevistas, intervenções públicas, no contexto académico ou no espaço público exterior, os seus olhos azuis se iluminavam, com aquele particular fulgor que se lhes conhecia, quando falava dos Clássicos, da Tragédia Grega, espelho de eternas inquietudes e interrogações do Homem sobre o sentido da sua existência, da sua ação, do sofrimento.

Era como se o tempo parasse e ficássemos suspensos da sua voz grave, pausada, das suas palavras carregadas de uma profunda sabedoria e humanidade que o estudo árduo e o magistério da vida lhe concederam. O Tempo e a *Moirá* não silenciaram a sua voz. Cada um de nós trá-la consigo, grato pelo dom determinante que representou Maria Helena da Rocha Pereira nas nossas vidas. A sua voz ressoa nos palcos em que se continua a encenar as suas traduções dos trágicos. O seu saber e o seu exemplo de vida, de amor e dedicação ao saber, aos Clássicos, à Tragédia Grega correm, como o sangue nas veias, pela cadeia de memória, admiração e afeição dos seus discípulos.

Da Eternidade, olhando o tempo, a Mestra pode dizer, repetindo Eneias, em Virgílio, ou o narrador de um dos romances de Vergílio Ferreira, seu afilhado de Doutoramento *honoris causa*: “Cursum peregi”. O seu percurso completou-se, pleno de sentido. A ele também nós pertencemos. E se a Mestra tivesse sido apenas e só Antígona? Nobilíssima voz, teria ficado a meio do percurso que traçou, como outros. Para poder ser Antígona e perfazer o caminho e cumprir todo o sentido que soube ser o da sua existência, a Mestra soube também ser Ismena, uma Ismena hábil, no tempo oportuno. E assim cumpriu os seus desígnios, com os olhos sempre postos nas leis universais de Antígona. Fizemos e fazemos parte desses desígnios. Que nunca deixemos calar a sua voz e não desviemos o olhar dos desígnios que a Mestra sempre contemplou, com a luz mediterrânica dos seus olhos.



(Universidade de Coimbra, Sala dos Capelos, 24.10.1993:
Doutoramento honoris causa de Vergílio Ferreira. Em primeiro plano
o escritor Vergílio Ferreira, sentado ao lado de sua Madrinha, Maria
Helena da Rocha Pereira)

(Página deixada propositadamente em branco)

PAUSÂNIAS, O MAIOR DESAFIO DE UMA CARREIRA CIENTÍFICA

Maria de Fátima Silva

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0000-0001-5356-8386

Foi como um desafio que a própria Maria Helena da Rocha Pereira encarou o honroso convite que lhe tinha sido feito pela Academia das Ciências de Berlim¹ para preparar, para a prestigiada editorial Teubner, de Leipzig, uma nova edição crítica da *Descrição da Grécia* de Pausânias a integrar na Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. A que lhe antecedeu – de Fr. Spiro (1903) – estava então já envelhecida e desatualizada.

O rigor no desempenho da tarefa

Em conformidade com tão honroso convite, a nova edição de *Pausaniae Graeciae Descriptio*. I-III. Leipzig: Teubner, 1973-1981 surgiu, para ser, poucos anos depois, reeditada entre 1989-1990:

¹ GUERREIRO, António, “Clássica, mas muito moderna”, *Público*, 10 de abril de 2017. Disponível em <https://www.publico.pt/2017/04/10/culturaipsilon/noticia/classica-mas-muito-moderna-1768346>.

Pausaniae Graeciae Descriptio. I-IV: ²1989; V-VIII: ²1990; IX-X: ²1989.

O curto intervalo de anos que mediou a primeira e a segunda edição documenta bem o interesse despertado pela nova versão do texto de um autor que – há que reconhecê-lo com alguma pena – não tem tido, entre os Classicistas, a atenção que merece.

A tarefa então assumida foi cumprida com o rigor e a minúcia que lhe eram característicos. Sem dúvida que a competência adquirida em Oxford em disciplinas como Crítica Textual e Paleografia foi decisiva para afrontar este projeto. Na Introdução ao Livro I, publicado em 1973, MHRP, depois de sintetizar o estado da arte, afirma como sua metodologia a revisão sistemática de todos os manuscritos e a análise das questões suscitadas pela tradição apográfica de Pausânias, os dezoito manuscritos da *Descrição da Grécia*, todos eles posteriores ao séc. XV. Não tardaram os especialistas a reconhecer o melindre do projeto, tendo em conta os erros do próprio autor – que havia que respeitar – somados aos que abundam nos manuscritos e às tentativas de correção propostas pelos modernos, a que a estudiosa somou também algumas sugestões próprias. Impôs-se então a necessidade de prudência e rigor no estabelecimento de um texto depurado e o mais possível fiel à tradição manuscrita. O aparato crítico acolheu várias *lectiones*, não sem que, em determinados casos mais delicados, o respeito pela lacuna se tenha preferido aos acréscimos propostos pelos filólogos.

As recensões multiplicaram-se, dando conta da atenção prestada e do aplauso suscitado pela nova edição. Podemos remeter, a título de exemplo, para algumas delas: por Heinz-Werner Nörenberg (1977), *Gnomon* 49.2: 132-136; Peter Levi (1979), *The Classical Review* 29.1: 21-23; Georges Nachtergaele (1980), *Scriptorium* 34.1: 166-167. Para além das opiniões emitidas por reconhecidos especialistas na matéria, parece sugestivo o comentário feito por V. Champion-Smith, uma doutoranda de University College of London, no contexto de observações introdutórias à sua tese *Pausanias in Athens: An*

archaeological commentary on the agora of Athens (1998: 7): “The excellent edition by Rocha-Pereira (1989-90) seems to have ironed out a great number of rough spots, reducing the need and, to some extent, the desire to analyse the text once more”. O eco que este acolhimento teve na Autora é testemunhado pelas palavras de Delfim Leão, um dos seus discípulos, quando num texto de homenagem que lhe dedicou refere que “a própria deixava escapar por vezes, com indisfarçada satisfação, o facto de dois grandes especialistas em mitologia (W. Burkert) e arte grega (J. Boardman) lhe terem confessado a frequência com que consultavam os índices que ela havia produzido para esta edição, num claro sinal do impacto internacional produzido pela publicação”.

Outras edições se sucederam, naturalmente, de que me permito destacar a excelente versão bilingue, apetrechada de amplo comentário, com a chancela da Fondazione Lorenzo Valla / Arnaldo Mondadori Editore. Na Introdução ao seu volume I, Domenico Musti, nas páginas dedicadas à história do texto, começa por se afirmar devedor das edições de Spiro e Rocha-Pereira. E especifica, no que é o elogio crítico de um brilhante especialista: “... pare opportuno indicare il valore dei codici medesimi, nel loro insieme e nel loro rapporto, quale determinato dai diversi editori, e segnalare i principali problemi, che a questo proposito sono ancora aperti, anche (e forse soprattutto) dopo l’edizione teubneriana della Rocha-Pereira, che a messo particolarmente a frutto le ricerche dell’ americano Aubrey Diller, corrigendo per molti aspetti la classica edizione di Spiro, che a dominato incontrastata per molti decenni”.

Não foi sem surpresa e orgulho que a comunidade científica nacional assistiu à publicação desta edição crítica por uma estudiosa portuguesa. Fazendo-se, de alguma forma, porta-voz do reconhecimento que lhe foi prestado, escreve ainda António Guerreiro na já referida notícia do *Público*: “Considerava que esse tinha sido o seu trabalho mais importante (...). Se procurarmos a linhagem em

que se inscreve, MHRP está muito mais próxima da lição de um Wilamowitz (o importante filólogo alemão que morreu em 1931) do que de quaisquer mestres nacionais”. Dava-se assim o merecido reconhecimento a uma tarefa verdadeiramente incomum no universo dos classicistas portugueses.

A importância de estudar Pausânias

Para alguém que se dedicou apaixonadamente ao estudo da Cultura Clássica Greco-Latina, Pausânias tornou-se um companheiro indispensável. Visitante de uma Grécia há já cerca de três séculos ocupada pelos Romanos, o relato que o Periegeta nos devolveu das regiões, cidades, monumentos percorridos congrega os sinais de uma cultura bipolar; por um lado muito marcada pelos triunfos culturais da melhor tradição grega, de que Pausânias apreciava sobretudo as épocas arcaica e clássica, a sua *Descrição da Grécia* é também um inventário de situações – hostis umas, rendidas outras – em que o fascínio dos Romanos por esta província do império se revelou. Sobre esta realidade, Pausânias lançou ainda o véu da fantasia, inventariando tradições e mitos que dessem aos lugares, e à sua história, a dimensão extra de um enorme simbolismo. É, portanto, um repositório anacrónico e polissémico de informações o que está em causa num mesmo território.

É inevitável que o estudo aturado do relato de Pausânias, que se prolongou no tempo, tenha inspirado, antes e depois da edição crítica, diversos estudos, que se traduziram em vários artigos do maior interesse. Já em 1965-1966, em “Sobre a importância das informações de Pausânias para a História da Língua Grega”, *Humanitas* 17-18: 180-197, MHRP tece um elogio desassombrado às potencialidades do estudo de Pausânias (p. 180): “A *Descrição da Grécia* é um dos livros mais curiosos e mais úteis que nos legou a Antiguidade”. Trata-se, na proposta que o título anuncia, de cingir o foco a uma

perspetiva ainda pouco explorada, que, no entanto, traz surpresas e esclarece dúvidas (p. 180): “Alcançam um grande valor as de ordem linguística, por iluminarem um pouco uma fase bastante obscura da evolução do idioma grego”. Inesperadamente, o inventário cuidadoso de diversos passos que registam (p. 196) “grandes e pequenos factos de ordem linguística” serve para clarificar uma questão de fundo: que, no séc. II, ainda se estava longe de uma *koine* linguística.

No ano 2001, o capítulo “La valeur du *Vindobonensis Va* dans la tradition manuscrite de Pausanias”, integrado no volume *Éditer, traduire, commenter Pausanias en l’an 2000* (publicação das Actas do colóquio das Universidades de Neuchâtel e de Friburgo, 1998), coordenado por Denis Knoepfler e Marcel Piérart, Genève, pp. 25-31, resultava da experiência direta obtida pela elaboração da edição crítica. MHRP regressava à consideração dos manuscritos disponíveis de Pausânias, agora comentando, de viva-voz, entre especialistas, critérios a aplicar na sua leitura, como preâmbulo à consideração particular do *Vindobonensis Hist. Gr.*. Nas conclusões apenas a esta reflexão, deixava clara a noção de que nada está fechado, no que se refere ao estudo de Pausânias. Basta que filólogos e arqueólogos ponham em comum novos resultados da sua investigação para que o conhecimento do Periegeta dê outros passos em frente.

Por fim, já em 2011, com “Pausanias and the Roman conquerors”, *Humanitas* 63: 175-184, MHRP regressava ao que se tornou, de alguma forma, ‘o seu autor’ para observar desta vez a componente romana da *Descrição da Grécia*. Nas primeiras linhas deste estudo, a Autora reconhece os novos tempos que se vivem na hermenêutica de Pausânias: “Everybody acknowledges that at least since the last decades of the twentieth century the studies on Pausanias have gained a new interest, so that not only new critical editions have been published or are in progress, but many other scholars brought important contributions for a better understanding of his many sided *Description of Greece*”. Diversos problemas se tinham

tornado prementes nesta nova fase, entre eles a inserção da *Periegesis* dentro de um determinado padrão literário, tendo agora em conta, perante o momento histórico que a Grécia vivia, a produção grega (de Dionísio de Halicarnasso, Plutarco ou Políbio) aberta ao elogio do ocupante. Dentro deste universo, Pausânias insere no seu relato inúmeros apontamentos, de índole política e cultural, fazendo a sua própria avaliação da controvérsia do momento. E sobre as reflexões que dela podem inferir-se, MHRP retira uma conclusão, ilustrativa da posição de Pausânias e profética sobre os tempos que ainda hoje vivemos (p. 184): “Many other examples might be adduced. But the ones presented here may be enough to show that Pausanias lived in a world where political and cultural intercourse between Greeks and Romans not only affected the course of Greek literature and rhetoric; it unified East and West. This cultural union is a message with a special relevance to our own times. May we never forget its meaning”.

Uma tarefa que deixou fruto

Foram precisas décadas para que Pausânias ganhasse entre nós a visibilidade que merece. A edição crítica de MHRP continuava atual, mas para dar ao *Periegeta* – e ao trabalho por ela feito – a difusão que mereciam era necessário disponibilizar uma tradução. A oportunidade surgiu fruto da pandemia – que convidou o mundo inteiro a refugiar-se em casa e a pensar a utilidade do trabalho numa nova perspetiva – e foi crescendo perante o fascínio do autor. Entre 2022-2025 esta outra tarefa ficou concluída.

É gratificante perceber o interesse que o mundo de língua portuguesa tem manifestado pela *Descrição da Grécia*. Para filólogos e historiadores, a leitura de Pausânias tem significado muito mais do que uma consulta ocasional para esclarecimento de um

pormenor – serviço por ele prestado sem falhas. A consulta, agora sistemática, satisfaz, numa perspetiva abrangente, curiosidades muito mais amplas. É claro que os grandes polos da cultura grega balizam a simetria do conjunto: Atenas no Livro I, Olímpia nos V e VI, Delfos no X. Mas há que reconhecer que outros Livros, eventualmente menos sonantes – como o IV dedicado à Messénia, o VII à Acaia, ou o VIII à Arcádia – são, numa leitura exaustiva, uma surpresa fascinante.

Com a disponibilização da tradução, vai despertando outro tipo de manifestações de interesse, muito significativas quanto à investigação futura de Pausânias entre nós. Usar a *Descrição da Grécia* como tema para uma tese de doutoramento é um passo significativo para motivar novas gerações para a mesma causa. Ao mesmo tempo, já se perfila no horizonte o primeiro colóquio inteiramente dedicado a Pausânias – que será também o primeiro de uma série focada em autores gregos –, a realizar no Colégio do Espírito Santo, em Évora, entre 23-24 de outubro de 2025.

O que começou por ser a satisfação de uma curiosidade evoluiu para uma homenagem, como fica patente do título estabelecido para o colóquio de Évora: “Textos e autores da Antiguidade e sua recepção: Pausânias e a ‘Descrição da Grécia’ (No centenário do nascimento de Maria Helena da Rocha Pereira)”. Tudo se foi conjugando, involuntária ou voluntariamente, para que esta edição crítica de Pausânias, várias décadas passadas, pudesse constituir, na celebração deste centenário, a recordação do que foi um dos grandes desafios colocados a uma académica distinta.

(Página deixada propositadamente em branco)

**MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
E A CULTURA ROMANA**

Francisco Oliveira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0000-0003-4871-243X

Maria Helena da Rocha Pereira soube exemplificar a sua própria conceção do que é a herança clássica ao unir estudos gregos e estudos romanos, incluindo o latim tardio, cristão, medieval e a neolatinidade, e foi ela que abriu em Coimbra o primeiro seminário de Latim Renascentista.

Essa conceção é a mais cientificamente correta para quem procura o contacto com as civilizações clássicas. Consequentemente, depois de consagrar a cadeira de História da Cultura Grega, a venerável Mestra fundou a de História da Cultura Romana em 1974/1975, que foi assumindo nomes diversos ao sabor de alterações curriculares sucessivas.

A lecionação foi rapidamente apoiada por uma antologia de textos datilografada (*Res Romanae*, 1976), depois alargada e editada com um título por mim sugerido – *Romana. Antologia da cultura latina* –, cujos índices me coube elaborar. A antologia veio a ser completada com o manual *Estudos de História da Cultura Clássica. II volume. Cultura Romana* (1984).

Estas publicações, no seguimento do I volume de *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Grega*, e da antologia de

textos correspondente, com o título de *Hélade*, exemplificam de forma inquestionável a conceção unitária que a Doutora Rocha Pereira tinha da cultura greco-latina. Unitária e ao mesmo tempo reconhecedora da identidade de ambas as culturas.

Para a ilustre professora, a cultura romana não era um Ersatz do helenismo, pelo contrário, apresentava-se como um produto de síntese aberta desde sempre ao helenismo, mas também a outras culturas – mesmo aquelas que Arnaldo Momigliano descreveu como sabedorias bárbaras¹. De facto, Roma soube reelaborar, seleccionar, sintetizar, fundir e amalgamar diversos produtos culturais alheios sem perder a sua própria identidade. Isto é, a identidade da cultura romana consiste exactamente na capacidade de assimilar sem perder a identidade. Trata-se daquilo que, em termos de cristalografia, se define como pseudomorfose, conceito transferido por Oswald Spengler para a história cultural: Roma selecciona, assimila, enriquece-se, mas, contrariamente ao que aconteceria na fusão de dois cristais, mantém a sua própria forma².

Mesmo quando se aborda a questão da tradução de obras gregas para latim – e vamos referir-nos à comédia de Plauto e ao tratado *Sobre a natureza das coisas* de Lucrécio –, pode verificar-se uma coloração romana e uma adaptação ao gosto do espetador local.

Para Plauto, foi Eduard Fraenkel quem iniciou esta abordagem no célebre *Plautinisches im Plautus* ‘Elementos plautinos em Plauto’, depois traduzido para várias línguas³.

¹ MOMIGLIANO, Arnaldo, *Alien Wisdom. The Limits of Hellenization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975 (trad. esp. *La sabiduría de los bárbaros. Límites de la helenización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988; trad. fr. *Sagesses barbares. Les limites de l'hellénisation*. Paris: Maspero, 1979).

² Sobre o conceito de pseudomorfose, ver SPENGLER, Oswald, *Der Untergang des Abendlandes. Umriss einer Morphologie der Weltgeschichte*. München: Beck, 1920; e KOKTANEK, Michael, *Oswald Spengler in seiner Zeit*. München: Beck, 1968.

³ FRAENKEL, Eduard, *Plautinisches im Plautus*. Berlin: Weidmannsche, 1922 (trad. it. *Elementi Plautini in Plauto*. Firenze: La Nuova Italia, 1960; trad. ing. *Plautine Elements in Plautus*. Oxford: Oxford University Press, 2007).

Se do teatro passarmos à escrita filosófica, vemos que o célebre Lucrécio, ao traduzir em verso o tratado *peri physeos* de Epicuro, traiu a estética epicurista, quer por razões didáticas (misturar o agradável ao útil), quer para se aproximar da tradição épica latina consagrada nos *Anais* de Énio, o grande clássico da época⁴. Mas, tal como Plauto, Lucrécio foi mais além, pois facilmente se identifica no seu poema a cor local, o forte apelo às questões éticas, sociais e políticas específicas da sociedade romana do seu tempo, mais de dois séculos posterior a Epicuro. Essa realidade é bem assinalada por Klaus Sallmann no sugestivo título “O desafio de Lucrécio aos seus contemporâneos”⁵.

Claro que, se pensarmos nas culturas que conviveram à volta do Mediterrâneo e nos impérios que até às suas costas orientais se dilataram, como o medo-persa, vemos que o helenismo era um fermento geral que permitia o florescimento e o enriquecimento de culturas locais que eram permeáveis ao helenismo, mas que, por sua vez, também o enriqueciam, num fenómeno em que a globalização da cultura helénica e helenística era reelaborada localmente, sofrendo influências por reflexo e como que reverberação, num processo registado desde a decoração do friso do templo de Zeus em Olímpia até à obra de Platão (lembrar figura de Zalmóxis no *Cármides*), e que teoricamente se poderia interpretar como glocalização⁶.

Ora, o manual *Cultura Romana*, sem esmiuçar o conceito, tem subjacente a ideia de que a helenização é o fenómeno marcante e determinante da história da cultura latina.

⁴ GALE, Monica R., *Lucretius and the Didactic Epic*. London: Bloomsbury, 2001.

⁵ SALLMANN, Klaus G., “Lukrez’ Herausforderung an seine Zeitgenossen”, *Gymnasium* 92 (1985), pp. 435-464; ver também GRIMAL, Pierre, “Le poème de Lucrèce en son temps”, in *Lucrèce, Entretiens Hardt* 24 (1978), pp. 233-270; MINYARD, John D., *Lucretius and the Late Republic: An Essay in Roman Intellectual History*. Leiden: Brill, 1985.

⁶ ROBERTSON, Roland, *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage Publications, 1992. O autor analisa as interações entre culturas locais e globais, introduzindo o termo glocalização no âmbito das Humanidades (Roma globalizou e foi globalizada).

O índice geral espelha essa perspectiva. Depois de uma introdução sobre “As origens de Roma” e “Lendas primitivas romanas”, seguem-se duas partes: a I Parte “Esboço histórico das épocas maiores da cultura romana”, subdivide-se em II.1 “Época Republicana” e II.2 “Século de Augusto”; a II Parte, que tem por título “Ideias morais e políticas dos Romanos”, autonomiza-se e completa-se com o capítulo introdutório sobre “Lendas primitivas romanas” e com o “Apêndice. Expressão artística da cultura romana”. Deste modo, a estrutura do volume mostra como a Doutora Rocha Pereira acreditava na grande identidade e vigor da romanidade.

No conjunto do volume, sobressai outro aspeto interessante, clássico em si mesmo, que é a visão ética da História, concretizada na valoração de grandes figuras da cultura latina: Plauto, Catão o Antigo, Énio, Terêncio, Cipião Emiliano, Cícero, Lucrécio, Catulo, Varrão, Virgílio, Mecenas e Augusto.

Este quadro tenta assegurar, também, uma perspectiva cronológica correspondente à relevância da helenização e suas fases⁷.

Singulariza-se, todavia, a deslocação cronológica de Catão o Antigo, ou Catão o Censor, para depois de Lucrécio e de Cícero. Como explicar este anacronismo? Além de condicionada pela divisão tradicional em filelenismo, representado pelos Cipiões, e anti-helenismo, personificado por Catão, a Doutora Rocha Pereira arredou a alternativa de colocar Catão juntamente com os Cipiões num capítulo eventualmente intitulado “Filelenismo e anti-helenismo em Roma”, sem dúvida pelo desejo de valorizar uma figura de primeiro plano na cultura romana, que de outro modo ficaria, injustamente, algo ofuscada.

Por outro lado, a opção rejeitada enfatizaria mais a feição socio-cultural do fenómeno de aculturação ou contacto de culturas, capaz

⁷ Ver MINYARD, John D., *Lucretius and the Late Republic: An Essay in Roman Intellectual History*. Leiden: Brill, 1985.

de provocar fraturas sociais e políticas (*“love-hate relationship”*), fenómeno que deve ser analisado numa perspetiva sincrónica e diacrónica – a mesma que levou a Mestra a não perfilhar a hipótese do regresso a Atenas dos frisos do Pártenon colocados no Museu Britânico –, sendo que o anti-helenismo de Catão é, no plano cultural, uma outra vertente da helenização, ou seja, a perspetiva de utilização pragmática do helenismo, sem excessos e pouco interessada na especulação teórica. É que, em boa verdade, nem os Cipiões desdenhavam os valores nacionais, nem Catão ignorava a cultura helénica, que visitou e revisitou ao longo dos seus cinquenta e cinco anos de carreira literária⁸.

Em suma, pode concluir-se que a Doutora Rocha Pereira conviveu com o helenismo toda a sua vida, de forma absolutamente consciente e cientificamente insuperada, mesmo quando se dedicou à cultura romana.

Também nós devemos seguir o seu exemplo e permanecer atentos, porque, muitas vezes, estamos envoltos na herança helénica, direta ou mediada pela romana, quase mesmo sem dar por isso. É que Roma não foi só a imitação dos gregos, foi também a rivalidade, a reelaboração, o reforço da própria identidade, o muito labor na transmissão da paideia helenística, greco-romana, até aos nossos tempos.

⁸ Ver LETTA, Cesare, “L’Italia dei mores Romani nelle *Origines* di Catone”, *Athenaeum* 62 (1984), pp. 3-30 e 416-439.

(Página deixada propositadamente em branco)

O CUIDADO DO CORPO E DO ESPÍRITO NO OLHAR DA IDADE MÉDIA

António Manuel Ribeiro Rebelo

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0000-0002-1376-2704

Em 1947, concluía a sua licenciatura em Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Maria Helena da Rocha Pereira, filha de Alfredo da Rocha Pereira, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, tendo sido Vice-Reitor (1931) e, mais tarde, Diretor da Faculdade de Medicina (1949-56).

No final da primavera desse ano de 1947, ocorrera, na Cidade Invicta, um facto de extrema relevância, cultural e científica: a criação de uma nova estrutura vocacionada para a promoção dos estudos humanísticos na cidade, com o propósito explícito de preencher a lacuna deixada pela extinção da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, quase duas décadas antes¹.

Esta primeira Faculdade, fundada em 1919, representava o culminar de um longo processo encetado pelo então Ministro da Instrução Pública, João Lopes Martins, Professor Catedrático da Faculdade de

¹ A Faculdade de Letras do Porto foi extinta em 1928.

Medicina da Universidade do Porto e colega de cátedra de Alfredo da Rocha Pereira. Todavia, a Faculdade de Letras foi fechada em 1928, por decreto governamental, embora os alunos pudessem concluir as suas licenciaturas até 1931.

A Faculdade de Letras só seria oficialmente restaurada em 1961, mas durante esse interregno a cidade do Porto ressentiu-se profundamente da ausência de uma formação superior nas áreas das Humanidades. Foi neste contexto que, por iniciativa do Instituto de Alta Cultura e da Câmara Municipal do Porto, se criou uma organização cultural destinada a reanimar o estudo das Humanidades: o Centro de Estudos Humanísticos (CEH), formalmente associado à Universidade do Porto. A sessão solene de inauguração teve lugar a 22 de maio de 1947, no Salão Nobre do Edifício Histórico da Universidade.

À data, era Presidente da Câmara do Porto Luís José de Pina Guimarães, Professor Catedrático de História da Medicina, que assumiria a Direção do recém-criado Centro e viria a revelar-se um dos principais promotores da criação da Faculdade de Letras, da qual se tornaria o primeiro Diretor, logo depois da sua restauração, entre 1961 e 1966. Foi também ele quem acompanhou, desde os primeiros passos, o início da carreira académica de Maria Helena da Rocha Pereira, enquanto professora e investigadora. A documentação da época testemunha bem o interesse de diversos professores de Medicina pela revitalização do estudo científico das Humanidades, extravasando os limites das áreas científicas, numa perspetiva ampla e integrada da cultura.

Entre os presentes na sessão inaugural, integrou a mesa de honra Alfredo da Rocha Pereira, figura de relevo na Universidade e pai da jovem filóloga. Coube a Luís de Pina justificar o CEH com um brilhante discurso laudatório da prática secular portuense das Humanidades. Já no final, antes de passar a palavra ao Doutor Luís Cabral de Moncada, orador convidado para proferir a lição

inaugural, saudou “a velha e douta Universidade de Coimbra”, formulando o desejo de que da Lusa Atenas “provenha ao Centro de Estudos a colaboração indispensável de seus insígnies Mestres de Humanidades”. Esse desejo encontrou realização quase imediata, pois Maria Helena da Rocha Pereira, recém-licenciada, cumpriria esse desiderato integrando, desde a primeira hora, o corpo docente do Centro de Estudos Humanísticos e contribuindo para a sua afirmação cultural e académica. Luís de Pina, em reconhecimento pelo talento e dedicação da jovem docente, patrocinou a publicação do seu primeiro ciclo de lições sobre Literatura Latina no *Boletim Cultural* do Município². Neste ambiente de cumplicidades de interesses académicos e afinidades intelectuais – entre os Professores Luís de Pina, Alfredo da Rocha Pereira e a jovem Maria Helena –, não surpreende que esta tenha sido muito bem acolhida no CEH e fosse particularmente sensível a temáticas do âmbito da Medicina. Na vasta panóplia de interesses científicos por que se repartiu a sua atenção, figura, desde muito cedo, a literatura latina medieval.

Em 1949, Egas Moniz é galardoado com o Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia. Em 1929, havia proferido, na Academia das Ciências de Lisboa, uma conferência sobre “O Papa João XXI”, publicada, no ano seguinte, na revista *Biblos* da Faculdade de Letras de Coimbra³. Ora, na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Porto, conservava-se um exemplar do *Thesaurus Pauperum* (*ThP*), atribuído a essa figura maior da cultura medieval portuguesa e universal que foi Pedro Hispano e que ascenderia ao sólio pontifício com o

² ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Lições de literatura latina”, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* 11.1-2 (1948), pp. 62-114; 11.3-4 (1948), pp. 192-242. Vd. SAMPAIO VENTURA, Zélia de, “Bibliografia de Maria Helena da Rocha Pereira”, *Humanitas* 47 (1995), pp. 23-51. Embora as primeiras lições de Grego e Latim tivessem sido asseguradas por padres jesuítas, a jovem licenciada de Coimbra também aí terá regido cursos destas duas línguas.

³ MONIZ, Egas, “O Papa João XXI”, *Biblos* 6.1-2 (1930), pp. 1-17.

nome de João XXI⁴. À luz de quanto foi exposto, não será difícil conjecturar que foi Luís de Pina, Professor Catedrático de História da Medicina, quem encorajou a jovem filóloga a empreender a tradução desta obra fundamental, dando-lhe o estímulo e o apoio científico necessário, para que ela levasse a cabo tão ingente, mas importante empreitada. Tudo se conjugava nesse sentido.

Antes de iniciar a tradução, impunha-se necessariamente o estabelecimento do texto crítico. Ao fazer a *recensio* dos manuscritos do *TbP*, ter-se-á dado conta de que o *codex vetustissimus*, do séc. XIII, se encontrava na famosa Biblioteca Bodleiana, de Oxford, onde existiam ainda mais sete manuscritos. Também em Londres, no British Museum, havia registo de dezasseis manuscritos do *TbP*! Era imperioso ir a Oxford e a Londres, para analisar esse espólio *in loco*! Assim, do Instituto de Alta Cultura, parceiro do Município do Porto na criação do CEH, obtive uma bolsa para o ano de 1950/1951 e matriculou-se na Universidade de Oxford.

Regressada de Oxford, seria contratada como assistente na Universidade de Coimbra no início do ano letivo de 1951/52. Aproveitou logo a oportunidade de a *Revista Portuguesa de Filosofia*, de Braga, consagrar um fascículo de 1952 ao tema “Pedro Hispano: No 675.º Aniversário da sua Morte, 1277-1952”, para dar a lume os primeiros resultados da sua investigação, sob o título: “Considerações à margem do Texto do *Thesaurus Pauperum*”⁵. Prosseguiria a sua investigação em importantes bibliotecas de Itália, França, Espanha ao longo da década de 50, num esforço intensivo de recolha, análise e comparação textual. Entretanto, em 1953, o CEH lançava a sua revista científica *Studium Generale*, que acolheria os frutos do seu

⁴ Da edição de Frankfurt (1576), mas adquirido em Londres. A Biblioteca Pública Municipal do Porto possuiria um outro exemplar, também da mesma edição de 1576, de acordo com as informações da distinta investigadora.

⁵ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Pedro Hispano: No 675.º Aniversário da sua Morte, 1277-1952” *Revista Portuguesa de Filosofia* 8.3 (1952), pp. 315-325.

labor na Filologia Latina Medieval. Em vários números desta revista, publicou não apenas os seus estudos sobre o *ThP*, com a colaboração de Luís de Pina nos comentários médicos, mas também investigação desenvolvida sobre outras obras médicas atribuídas a Pedro Hispano⁶.

A sua primeira intervenção com projeção internacional ocorreu em 1954, num dos mais prestigiados e audaciosos projetos científicos internacionais então dedicados ao latim medieval, mas que terá passado despercebido a muita gente. Foi no latim medieval que M. H. da Rocha Pereira se deu a conhecer à Europa com uma síntese notável onde explorou, com erudição, a lexicografia médica, botânica, zoológica e mineral presente no *ThP*: “Notes lexicographiques sur le *Thesaurus Pauperum*”, artigo publicado no prestigiado *Bulletin du Cange* ou, como se veio a chamar, *ALMA – Archivum Latinitatis Medii Aevi*, no tomo 24, fascículo 3, de 1954, nas páginas 227-270⁷.

⁶ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “‘Petri Hispani Thesaurus Pauperum’, texto latino, tradução e notas (com Luís de Pina)”, *Studium Generale* 1.3-4 (1954), pp. III-XXIX, 161-299; 2.1-2 (1955), pp. 182-247; 3.1 (1956), pp. 68-173; 3.2 (1956), pp. 310-349; 4 (1957), pp. 54-139; 5 (1958), pp. 255-283. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Pedro Hispano, Livro sobre a conservação da saúde”, *Studium Generale* 6.1-2 (1959), pp. 147-223. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Um manuscrito inédito do *Liber de Conservanda Sanitate* de Pedro Hispano”, *Studium Generale* 9.2 (1962), pp. 99-105. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Um opúsculo médico de Pedro Hispano”, in *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho. Vol. 3*. Figueira da Foz: Câmara Municipal, 1960, pp. 293-302.

⁷ Disponível em https://www.persee.fr/doc/alma_0994-8090_1954_num_24_3_2362; publicado também em *Acta Universitatis Conimbrigensis* (Coimbra, 1973), pp. 15-35.

Com a rápida evolução dos estudos da Filologia Latina Medieval e a necessidade de estudo e publicação de documentos latinos medievais, a União Internacional das Academias, com sede em Bruxelas, sentiu necessidade de actualizar o dicionário Du Cange (o *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, iniciado por Charles du Fresne, sieur du Cange – 1610-1688). O projecto consistia em realizar um levantamento lexicográfico rigoroso e abrangente a partir da análise de fontes, visando a criação de um Dicionário de Latim Medieval, em substituição do Du Cange, obsoleto à luz dos critérios científicos do século XX. A recolha devia incidir nos textos de produção nacional e apenas no aspecto linguístico e lexicográfico do latim medieval. Para fomentar a partilha de resultados preliminares, foi criado o *Bulletin Du Cange*, órgão oficial do projecto, de elevadíssimo prestígio para o estudo do Latim Medieval. A colaboração portuguesa seria assumida por José Joaquim Nunes e, mais tarde, por M. C. Diaz y Diaz. Curiosamente, este distinto professor de Santiago de Compostela havia publicado, em 1951, no *ALMA*, um artigo com um título semelhante: “Notes lexicographiques espagnoles”.

O *ThP* não se enquadra no cânone das obras académicas habitualmente ensinadas nas universidades medievais. Por ser um receituário médico de natureza utilitária e terapêutica, este pragmatismo facilitou largamente a sua divulgação, sobretudo entre os séculos XIII e XVII, em que conheceu uma ampla circulação, testemunhada por centenas de manuscritos, múltiplas traduções para diversas línguas europeias e sucessivas edições impressas⁸, mas essas mesmas características de vasta difusão contribuíram para a ocorrência de interpolações, supressões, acrescentos e muitos outros fenómenos que impunham à ecdótica um desafio de grande envergadura. O trabalho de fixação do texto exigia uma metodologia de grande rigor e isso nota-se na análise meticulosa e argutamente justificada dos critérios e procedimentos adotados em todas as etapas conducentes à fixação crítica do texto a traduzir. De entre as centenas de códices de obras atribuídas a Pedro Hispano, focou-se nos 70 principais manuscritos que preservavam o *ThP*. Desembaraçar este “amontoado de confusões”, como lhe chama, proporcionou-lhe um excelente domínio dos princípios e técnicas da crítica textual que procurou transmitir posteriormente aos seus alunos de pós-graduação, abrindo-lhes os horizontes da ecdótica.

O conjunto de estudos publicados sobre Pedro Hispano viria a ser reunido e reeditado, em edição revista, sob o título de *Obras Médicas de Pedro Hispano*, nos *Acta Vniversitatis Conimbrigensis*⁹. Meio século depois da sua publicação, continua a ser considerada, pela Medicina, uma edição de referência no estudo do trabalho

⁸ Um vasto acervo “longe de se encontrar devidamente estudado, ou sequer a sua autenticidade verificada” diria M. H. da Rocha Pereira em 1973.

⁹ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Obras médicas de Pedro Hispano*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1973, reunindo as seguintes obras (além de estudos anteriormente publicados): *Thesaurus pauperum* e *Tractatus de febribus* (p. 76-408); *De regimine sanitatis* ou *De dieta (Pseudo) Hippocratis per singulos menses anni observanda* (p. 414-419); *Summa de conservanda sanitate* (p. 444-491).

médico do único Pontífice português¹⁰. A importância desta publicação, pela solidez científica e rigor filológico que a caracterizam, não terá sido alheia à nomeação de Maria Helena da Rocha Pereira como membro da Sociedade Internacional da História da Medicina, em 1974. A 27 de novembro de 1975, foi eleita sócia correspondente da Academia das Ciências de Lisboa pela Classe de Letras, onde poucos meses depois, a 20 de maio de 1976, em “sessão solene comemorativa do 7º Centenário da elevação ao Pontificado do filósofo e cientista Pedro Hispano (João XXI)”, apresentou publicamente os resultados da sua vasta investigação, mas também deu conta da complexidade do que estava ainda por fazer: autenticar e estudar o vasto espólio de obras atribuídas a Pedro Hispano.

O estudo da obra médica deste autor era dificultado pela escassa edição crítica dos textos, pela confusão provocada pela atribuição errónea de tratados de outros autores a Pedro Hispano (muitas vezes por homonímia ou semelhança de etnónimo) e pela ausência de manuscritos portugueses significativos. Consciente da incerteza que pairava sobre a identificação da autoria das obras atribuídas a Pedro Hispano na sua investigação – já Alexandre Herculano advertira sobre a fragilidade dos argumentos de Jorge Cardoso no *Agiolégio Lusitano* –, M. H. da Rocha Pereira prestou particular atenção aos aspetos filológicos, a saber, características linguísticas que aferissem a proveniência do seu autor. No entanto, os resultados foram ambíguos: o vocabulário e as variantes lexicais do *ThP* não revelaram marcas evidentes de um latim de influências hispânicas ou mesmo especificamente portuguesas quando tal se impunha pela etimologia, antes remetiam para uma área geográfica situada entre a França e o Norte da Itália. Todavia, a investigadora concluiu, prudentemente, que nenhum dos argumentos tradicionais “invalida a possibilidade

¹⁰ Cf. <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/113/obra-medica-de-pedro-hispano>.

de autoria de Pedro Hispano, mas, por outro lado, nenhum conduz à sua confirmação definitiva”. Referiu a mesma dificuldade nas obras filosóficas, ao remeter para o trabalho de J. M. da Cruz Pontes¹¹. Por isso, nessa sessão da Academia, sublinhou a necessidade urgente do estudo sistemático da obra de Pedro Hispano, principiando pelo estabelecimento de textos com critérios rigorosamente científicos. A celebração do centenário devia servir, em sua opinião, de ponto de partida para um trabalho duradouro de investigação e de valorização da herança científica portuguesa. Efetivamente, as dificuldades sentidas por vários investigadores com a identificação e falsa atribuição da autoria de obras filosóficas a Pedro Hispano, designadamente J. M. da Cruz Pontes e Francisco Meirinhos (que dedicaram as suas teses de doutoramento e boa parte da sua investigação à obra de Pedro Hispano), a par desta consciência crítica, com base filológica consistente, levou José Meirinhos a dar sequência a esse desafio numa perspectiva sistemática. Assim, no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, J. F. Meirinhos coordenou, entre 2016 e 2019, o projeto FCT “Edição Crítica e Estudo das Obras Atribuídas a Petrus Hispanus – 1”, prosseguindo a identificação e estudo desse acervo¹².

Na mesma sessão, M. H. da Rocha Pereira reafirmaria o seu propósito inequivocamente filológico, bem como os limites e os alcances do seu trabalho, escudado em algumas das ciências auxiliares do latim medieval: “A prática do Latim medieval científico, da paleografia latina e dos princípios da crítica textual são, por conseguinte, as únicas credenciais próprias com que me apresento para tratar, não do valor do médico, mas do estado actual do nosso

¹¹ Na recensão à tese de doutoramento de J. M. da Cruz Pontes (*Pedro Hispano Portucalense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*), confirmaria as dificuldades encontradas pelo autor perante posições antagónicas, concluindo categoricamente que “muitos são os problemas de autenticidade que aguardam solução”. Vd. *Revista Portuguesa de Filosofia* 21.4 (1965), pp. 457-459.

¹² Disponível em <https://ifilosofia.up.pt/proj/ph/ph>.

conhecimento das obras médicas de João XXI”. Ainda assim, não resiste a enaltecer o médico pela sua abertura de espírito: “Note-se, contudo, o significado que tem o facto de o tratamento de epilepsia se apresentar em paralelo com o das outras doenças, o que [...] não é de regra na mentalidade medieval”¹³.

Em 1981, recapitulou alguns dos seus trabalhos e publicou um estudo sobre a história da tradição textual do *Liber de Conservanda Sanitate* de Pedro Hispano numa coletânea da prestigiada Akademie Verlag de Berlim sobre investigações de história da tradição textual¹⁴.

Em 2001, participou na Reunião Internacional de História da Medicina realizada em Lisboa para discutir sobre os pequenos tratados de Pedro Hispano relativos a afeções oftalmológicas¹⁵.

Além do interesse que a sua obra despertou e da investigação que suscitou em meios médicos – levantamento que, pela sua amplitude e especialidades médicas, excede os limites deste texto –, há ainda traduções recentes dos seus trabalhos para outras línguas, o que é bem significativo do prestígio internacional que granjeou nesta área da Filologia Latina Medieval¹⁶. E não deixava de ser convidada para

¹³ Como se pode ver, por exemplo, numa mística como Hildegarda de Bingen, que se dedicava à cura das doenças do corpo, atribuindo à doença causas naturais ou outras, com origem na impureza espiritual, demoníaca mesmo.

¹⁴ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Die Überlieferungsgeschichte des ‘Liber de conservanda sanitate’ von Petrus Hispanus”, *Überlieferungsgeschichtliche Untersuchungen. Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur* 125 (1981), pp. 489-494.

¹⁵ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Pedro Hispano na história da oftalmologia: alguns aspectos”, in *Actas da reunião internacional de história da medicina = Proceedings of the international meeting of the history of medicine = Actes de la réunion internationale d’histoire de la médecine* (2001), pp. 19-27.

¹⁶ Como, e.g., PESANTE, Lorenzo (ed.), *Pietro Ispano (Papa Giovanni XXI), Il Tesoro dei poveri. Ricettario medico del XIII secolo*. Sansepolcro: Aboca Museum Edizioni, 2007; ou a edição trilingue (i.e., com tradução inglesa) organizada para a Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, mais simples, sem aparatos, da edição e tradução de ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Pedro Hispano, Thesaurus pauperum, Tesouro dos pobres, Treasury of the Poor*. Lisboa: Heartbrain, 2011. Da mesma forma, temos a versão trilingue com italiano do *Liber de conservanda sanitate*: ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (trad. port.), VARSÌ, Giovanni (trad. it.), *Petri Hispani, Liber de conservanda*

falar sobre esta temática em meios médicos. Ainda em 2013, numa sessão do Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos, em Coimbra, dedicada a Pedro Hispano, M. H. da Rocha Pereira trataria do equilíbrio que o médico lusitano preconizava entre a razão e a experiência no exercício da medicina¹⁷.

Num outro país europeu, onde a investigação no latim medieval e latim dos Cristãos atingia patamares de referência mundial, criando a famosa “École de Nimègue”, centro de investigação europeu de referência no estudo do latim cristão e medieval, fundado pelo Professor Monsenhor Joseph Schrijnen, pontificava outra académica de renome, Christine Mohrmann, embora lutando, na sua afirmação académica, contra os mesmos preconceitos que M. H. da Rocha Pereira enfrentava no nosso país. No dizer de Raul Miguel Rosado Fernandes, “a resistência misógina e patriarcal era muita”¹⁸.

Para a compreensão das características linguísticas e estilísticas do latim medieval, Maria Helena da Rocha Pereira apoiou-se nos estudos pioneiros de Christine Mohrmann, a quem viria a convidar, com o apoio do Instituto de Alta Cultura, para proferir duas conferências em Coimbra, no Instituto de Estudos Românicos e no Instituto de Estudos Clássicos, no ano de 1961¹⁹.

sanitate. Testo in latino, portoghese e italiano. Ed. trilingue de Ugo Carcassi. Sassari: Carlo Delfino Ed. & C., 1997. E a versão trilingue da mesma obra (com o inglês em vez do italiano): VARSÌ, Giovanni (trad. it.), KOOPMANS, Anna Maria (trad. en.), *Petri Hispani, Liber de conservanda sanitate, Compendium of the Preservation of Health.* Ed. trilingue de Ugo Carcassi. Sassari: Carlo Delfino Ed. & C., 2008.

¹⁷ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Razão e Experiência no *Thesaurus Pauperum* de Pedro Hispano”, comunicação apresentada a 19 de outubro de 2013, Ordem dos Médicos, Coimbra.

¹⁸ Vd. a homenagem que lhe fez, em comunicação à Academia das Ciências de Lisboa (25/3/2010).

¹⁹ A primeira, a 20 de abril de 1961, por iniciativa do Instituto de Estudos Românicos, versou o tema “Les relations de culture prophane et chrétienne aux premiers siècles de notre ère”. Na segunda, a 21 de abril de 1961, a convite da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, foi desenvolvido o tema “Les innovations sémantiques dans le grec et le latin des chrétiens”, que, segundo o registo da notícia na revista *Humanitas*, foi muito vivamente aplaudido.

A tradição do estudo especializado do latim medieval em Coimbra já era antiga. O Professor Pierre David havia sido um verdadeiro precursor do estudo da língua latina medieval a partir dos textos latinos de natureza documental. Ciente de um hiato na formação latina em Coimbra – entre o latim clássico e o latim do Renascimento –, que frequentemente deixava em aberto os períodos intermédios, Rocha Pereira havia já introduzido, no ano anterior (1960), conteúdos dedicados ao latim dos Cristãos no programa da disciplina de Latim III, numa tentativa de atualizar a formação académica com os novos saberes descobertos pela recente investigação de ponta no plano internacional.

Coube-lhe ainda a apresentação, bem elogiosa, da distinta conferencista holandesa²⁰. Nessa ocasião, além de salientar o impressionante *curriculum* internacional da oradora, M. H. da Rocha Pereira fez questão de destacar, perante uma audiência composta maioritariamente por colegas e estudiosos de línguas românicas – bem como pelos seus próprios alunos do terceiro ano de Latim –, a relevância do contributo da Escola de Nimega para os estudos semasiológicos. Estes, ainda antes de serem associados à designação de “sociolinguística”, já eram, à luz da perspetiva de J. Schrijnen, entendidos como expressão de uma “língua de grupo”, um fenómeno condicionado pelas “grandes leis sociais da integração e diferenciação” das primeiras comunidades cristãs.

Entre os estudantes presentes nas conferências de Christine Mohrmann contava-se o Pe. José Geraldês Freire, que viria, por iniciativa certamente concertada com os seus orientadores, Maria Helena da Rocha Pereira e Américo da Costa Ramalho²¹, a beneficiar de uma bolsa de estudos para frequentar, entre 1965 e 1967, a Escola de Nimega. Aí teve o honroso e singular privilégio, até

²⁰ A apresentação é muito interessante e encontra-se publicada na revista *Humanitas* (“Notícias e comentários: Duas conferências pela Professora Christine Mohrmann” *Humanitas* 13-14 (1961-1962): 375-379).

²¹ De ambos recebeu as habituais cartas de recomendação.

então inédito em Portugal, de seguir diretamente os ensinamentos daquela ilustre investigadora. O Pe. J. Geraldês Freire assumiria a lecionação dessas matérias e daria continuidade, em Coimbra, ao ensino e investigação filológica nos domínios que haviam sido aprofundados por estas duas figuras tutelares: o latim dos cristãos, o latim vulgar, o latim tardio e o latim medieval.

Do estudo dos remédios para o corpo M. H. da Rocha Pereira passou, com igual rigor filológico, à exploração das obras do espírito. Nas hagiografias latinas, que editou e traduziu com exímia minúcia e cuidado extremo, reencontramos o mesmo rigor filológico, desta feita aplicado a textos de natureza espiritual. Fazia uso de todos os instrumentos da crítica textual para deles extrair os dados relativos à datação, autoria, história dos códices, estabelecimento do texto crítico, etc....

Em setembro de 1970, teve lugar, em Santo Tirso, um congresso consagrado à figura de São Rosendo. Nesse mesmo ano, M. H. da Rocha Pereira dava à estampa um estudo notável sobre as duas *Vitae* do santo e os quatro livros de milagres que lhes estão associados, textos estes editados por A. Herculano no volume dos *Scriptores dos Portugaliae Monumenta Historica*, com base no Cod. Alcob. 24 da BNL. Contudo, a prestigiada helenista e latinista não se limitou à mera reprodução daquele testemunho: estabeleceu a fixação crítica do texto, cotejando outros manuscritos da mesma biblioteca, bem como o Ms. 365 da Biblioteca Pública Municipal do Porto e dos *Acta Sanctorum*. A sua erudição manifesta-se ainda na cuidada tradução e comentário dos textos, ancorados nos melhores estudos históricos e filológicos então disponíveis. A esse labor filológico e hermenêutico juntou, ainda, o estudo das duas *Vitae* de Santa Senhorinha de Basto, prima de São Rosendo, textos que incluiu em apêndice, com igual rigor²². Foi precisamente sobre estas fontes

²² ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Vida e milagres de São Rosendo. Em apêndice: Vida de Santa Senhorinha*. Porto: Junta Distrital do Porto, 1970.

que apresentou, no referido congresso, uma comunicação sob o título: “Breves considerações sobre a *Vida e Milagres de S. Rosendo*”.

Volvidos mais de vinte anos, em 1992, no âmbito do 1º Ciclo de Conferências sobre São Rosendo e o século X, regressaria ao tema, desta feita para expor os resultados da sua investigação sobre as *Vitae* de Santa Senhorinha²³. Recordo ainda, com emoção, que lecionava então a cadeira de Latim Medieval – e era eu seu orientando de mestrado, já em fase de conclusão da tese em Literatura Grega – quando ela me pediu para identificar e localizar, na edição dos *Diálogos* de São Gregório Magno, conservada nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, alguns passos da vida de S. Bento. Lisonjeado pela confiança, foi com grande prazer e muita honra que pude dar o meu contributo, ainda que assaz modesto, para a sua investigação.

Em 1987, a pedido do pároco da igreja de Santa Cruz de Coimbra – comunidade que M. H. da Rocha Pereira frequentava com assiduidade –, traduziu e comentou a *Vida de S. Teotónio* a partir do único manuscrito conhecido (Ms. 52 da Biblioteca Municipal do Porto), que pertencera outrora ao Mosteiro de Santa Cruz e que Herculano levava para o Porto e editara nos *Scriptores* dos *PMH*. Esta iniciativa surgia no contexto da celebração do IX centenário do nascimento de S. Teotónio. A paróquia constatara que a ilustre investigadora possuía já uma tradução literal e rigorosa, em português moderno, da referida *Vita*.

Logo se avançou para a publicação de um opúsculo de cuidada elaboração, em versão bilingue, com justaposição do texto latino copiado da edição dos *Scriptores*, acompanhado de prefácio e notas eruditas, sem deixar de registar as suas conjecturas sempre

²³ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “As biografias medievais de Santa Senhorinha”, in *Actas do 1.º Ciclo de Conferências: S. Rosendo e o séc. X*. Santo Tirso: Câmara Municipal, 1992, pp. 127-137.

que achasse pertinente. A edição foi ainda enriquecida com uma belíssima capa, desenhada pelo Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca, cuja sensibilidade artística soube captar com acuidade os atributos hagiográficos de São Teotónio, extraídos da respetiva hagiografia²⁴.

Ao longo da sua vida, Maria Helena da Rocha Pereira nutriu especial apreço pela Idade Média, época a que reconhecia o mérito essencial de ter conservado e transmitido o legado da cultura clássica. Testemunha disso é a sua admiração pela figura do Infante D. Pedro, sobre quem escreveu um artigo de referência, no qual sublinhava a importância do príncipe na afirmação do português como língua de reflexão filosófica, através da adaptação ao vernáculo de vocabulário técnico proveniente do latim e do grego²⁵. Essa consideração pela figura do primeiro Duque de Coimbra reflete-se em todo o empenho que colocou na organização do memorável Congresso Comemorativo do VI Centenário do Infante D. Pedro, em 1992, a cuja comissão organizadora presidiu, tendo proferido as palavras iniciais na sessão inaugural, presidida pelo Presidente da República. No decurso desse inesquecível Congresso, proferiu uma lição magnífica de interdisciplinaridade, convocando as literaturas, portuguesa e clássicas, a História e a Arte, ao longo dos séculos, como podemos ainda hoje testemunhar nas atas, que vieram a lume no vol. 69 da revista *Biblos*²⁶.

Por tudo quanto ficou dito, é legítimo afirmar que a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira deixou uma marca indelével no panorama nacional e internacional dos estudos medievais, e foi a reintrodutora, em tempos mais recentes, do estudo da Filologia Latina Medieval.

²⁴ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Vida de S. Teotónio. Introdução, texto, tradução do latim e notas*. Coimbra: Igreja de Santa Cruz, 1987.

²⁵ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, "Helenismos no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*", *Biblos. Homenagem a M. Paiva Boléo* 57 (1981), pp. 313-358.

²⁶ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, "A estátua do Infante D. Pedro: de Rui de Pina a Manuel Alegre", *Biblos* 69 (1993), pp. 417-427.

**VIVÊNCIA E TRADIÇÃO GRECO-LATINA DESDE
OS ALVORES DO RENASCIMENTO:
A OBRA DE MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA**

Nair de Nazaré Castro Soares

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0000-0001-5555-2564

Celebrar a figura singular de Maria Helena da Rocha Pereira e sua contribuição para o conhecimento e afirmação dos Estudos Clássicos em Portugal, desde os alvares do Renascimento e ao longo dos tempos, transcende as palavras que possam ser dirigidas à sua pessoa, ao seu incansável labor, à grandeza, profundidade e rigor absoluto do património intelectual e humano que nos legou.

Primeira mulher doutorada na Universidade de Coimbra com uma dissertação sobre as *Concepções Helénicas de felicidade no Além: de Homero a Platão* (1956), nela ilustra a sua formação, adquirida na *Alma Mater Conimbrigensis*, complementada na Universidade de Oxford – onde foi discípula de grandes mestres E. R. Dodds, R. Pfeiffer e J. D. Beazley –, o que lhe abriu uma notável dimensão internacional. Exemplo disso são a sua edição crítica da obra completa do geógrafo Pausânias, que realizou para a editora alemã Teubner, e a obra *Greek Vases in Portugal*, reveladora da sua especialização em Arte antiga, área até então desconhecida entre nós.

Foi, na Universidade de Coimbra e em todo o país, um rosto de excelência inexcusável na área da Filologia Clássica, centrada no estudo direto dos textos gregos e latinos, na língua original. As suas traduções portuguesas, desde Homero aos autores da Época Imperial greco-romana, encontram uma divulgação prestigiada nas antologias *Hélade* e *Romana*. Estas obras, além dos dois volumes dos *Estudos da História da Cultura* Clássica (o primeiro dedicado à cultura grega e o segundo à cultura romana) foram e continuam a ser um verdadeiro *vademecum* para alunos de diferentes cursos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – e era comum frequentarem as suas aulas alunos de outras faculdades, *sponte sua*, atraídos pela beleza da sua mensagem –, como para alunos de outras universidades que as adotavam, sendo que a maior parte dos seus mestres se contavam entre antigos alunos seus. Um grande mestre faz escola e Maria Helena da Rocha Pereira tem por discípulos vultos da Academia, entre os maiores!

Merecida homenagem é a publicação das *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira*, em dez volumes, pela Fundação Calouste Gulbenkian – Imprensa da Universidade de Coimbra (2015-2022) –, que seguimos nestas breves reflexões, preparada e realizada com amor e dedicada sabedoria, “até ao fim”, pela nossa inesquecível colega Luísa de Nazaré Ferreira, que saudosamente nos deixou, no verdor da sua idade, a 8 de abril de 2019, a quem fica sempre associado o nome da sua Mestra, falecida dois anos antes, a 10 de abril de 2017.

Cumpre-nos falar da importância e significado da obra de Maria Helena da Rocha Pereira na época do Humanismo e Renascimento, em Portugal, a partir da matriz clássica, com ampla receção ao longo dos tempos.

Cabe à corte de Avis desenvolver um nascente Proto-humanismo, através da obra dos seus príncipes e sua coorte, a elite intelectual do tempo, e afirmar-se na formação de uma nova mentalidade. A esta época dedicou Maria Helena da Rocha Pereira páginas

eloquentes sobre o papel central que teve na formulação do pensamento português e na construção de uma renovada identidade nacional, que conciliava tradição e inovação. No estudo “Portugal e a herança clássica”, que abre o livro *Recepção das fontes clássicas em Portugal* (vol. 8, pp. 7-22), D. Duarte e sobretudo D. Pedro, o “Infante das sete partidas”, vão ter um papel pioneiro na expressiva valorização dos autores clássicos e sua divulgação em “linguagem”. É, no entanto, sobre a figura do Infante D. Pedro, autor da primeira tradução portuguesa de um autor clássico, o *De officiis* de Cícero, a quem se deve – com a indefinida colaboração do seu confessor, Fr. João Verba – o *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, inspirado sobretudo no modelo do *De beneficiis* de Séneca, que Maria Helena da Rocha Pereira vai desenvolver um notável trabalho. Refira-se o estudo “Helenismos no *Livro da virtuosa benfeitoria*”, *Biblos* 57 (1981) 313-385, revelador de um saber consolidado em todos os ramos do conhecimento deste período, em Portugal e na Europa, que figura em *fac-simile* na nova edição (vol. 8, pp. 561-606). Também em *fac-simile*, integra este mesmo volume o extenso e laborioso estudo em alemão que divulga, na comunidade científica internacional, a presença entre nós da terminologia grega de carácter sociopolítico, em obras portuguesas, desde o século XV à modernidade (vol. 8, pp. 517-560): *Soziale Typenbegriffe von Homer bis Aristoteles und ihr Fortleben im Portugiesischen* por Maria Helena Rocha-Pereira und Mitarbeiter – em cuja investigação das fontes colaboraram discípulos seus, docentes das Universidades de Coimbra, Porto e Aveiro. Os autores portugueses tratados, estendem-se desde o *Livro da virtuosa benfeitoria* aos autores do Renascimento – em que avultam além de Camões, poetas, historiadores, autores de obras de pedagogia política – e, ultrapassado o nosso século de ouro, autores neoclássicos e modernos.

E não é menos relevante para o estudo do período seminal do Renascimento o empenho que colocou na direção e realização do

Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro (Coimbra, de 25 a 27 de novembro de 1992), com a publicação das *Actas em Biblos* 69 (1993). Nesta obra e em *Estudos sobre língua e Literatura portuguesas* (vol. 9, pp. 181-190), se insere o artigo: “A estátua do Infante D. Pedro: de Rui de Pina a Manuel Alegre”.

Ao considerar-se a época do Renascimento, importa sublinhar que o Latim se torna a língua franca de cultura europeia e os autores clássicos se conhecem e divulgam, na língua original ou em tradução, muitas vezes de Grego em Latim e do Latim nas línguas vulgares. Difunde-se então, entre os Humanistas, o ideal enciclopédico de matriz greco-latina – designadamente desde Isócrates à Segunda Sofística do século I d. C. – que encontra a sua expressão no *Quattrocento* italiano, no *Panepistemon* de Angelo Poliziano. Este Mestre teve por alunos, no seu “Studio” de Florença, um escol de portugueses, a expensas de D. João II, que desempenharam um papel importante no incremento ao estudo das línguas clássicas, essenciais para a compreensão dos textos antigos, e sobretudo na renovação estética do Latim, restituído à sua pureza original, na linha das *Elegantiae linguae latinae* de Lorenzo Valla. Neste sentido, um longo caminho de desenvolvimento cultural se iria percorrer, desde o reinado do “Príncipe perfeito” aos de D. Manuel e D. João III, a par da gesta dos Descobrimentos que colocava Portugal, no dizer de Camões (*Lus.* 3.20): “quase cume da cabeça. De Europa toda, o Reino Lusitano”.

Em *Latim Medieval e Renascentista* (vol. 7) – “II. Latim renascentista” – três estudos de Maria Helena da Rocha Pereira revestem-se de expressivo significado no movimento Humanista do Renascimento europeu. Inicia com o artigo “As orações de *Sapientia* e a Universidade”. Estes discursos académicos foram proferidos entre nós, por inspiração de Cataldo Parísio Sículo, introdutor do Humanismo em Portugal (1485), desde a oração do seu discípulo D. Pedro de Meneses, de 1504, que teve lugar

na Universidade de Lisboa, na presença do rei D. Manuel. De especial significado se reveste, também, a oração de André de Resende de 1534, proferida na mesma Universidade, verdadeira “Magna Carta” do Humanismo em Portugal, em que é denunciado o atraso do nosso ensino e se refere a importância do estudo do grego. Muitas outras orações se sucederam, de acordo com as reformas da “política cultural de D. João III”, que veio colmatar as deficiências pedagógicas existentes e dar o maior lustre ao ensino, designadamente em Coimbra, na Universidade e no Colégio das Artes. Ao modelo ciceroniano destas orações, em que o elogio das letras segue designadamente o *Pro Archia*, alia-se o ideal do homem culto, virtuoso, perito na arte de bem falar, que é dado pelas recém-encontradas obras retóricas de Cícero, *Brutus*, *De oratore* e *Orator*, e pela *Institutio oratoria* de Quintiliano. As disciplinas apresentadas seguem a divisão aristotélica das ciências, que se agrupam no *trivium* ou *artes sermocinales* e no *quadrivium* ou *artes reales*, adotando cada uma das orações uma determinada hierarquia de valores, em que é perceptível a evolução e o alargamento dos saberes. Todos eles, no entanto, passavam pela aquisição de uma competência linguística, pelo que ganhou relevo a componente retórica, indispensável ao processo formativo do homem, como Cícero recomendava no *De oratore* (1.5).

Exemplo disso é o segundo estudo deste mesmo volume: a edição latina com tradução da *Oração sobre o estudo de todas as disciplinas* de Belchior Beleago, proferida na Universidade de Coimbra perante toda a Academia, em 1 de outubro de 1548 (vol. 7, pp. 236-269). No mesmo ano, a 21 de fevereiro, foi inaugurado o Colégio das Artes e proferida a oração académica por Arnaldo Fabrício. Estas orações, que merecem ser dadas à estampa, revelam a importância social e política destes atos solenes, que se tornaram frequentes desde 1537, em que a Universidade se transferiu definitivamente para a cidade do Mondego.

A concluir “II. Latim renascentista”, um outro estudo, “Louvores latinos aos *Colóquios dos simples e drogas*”, que revela a importância de uma das obras mais impressionantes da literatura desta época que, na versão latina que dela foi feita, divulgou no mundo culto o trabalho científico original do médico Garcia d’Orta.

São ainda de grande significado para a definição do movimento humanista e para a época do Renascimento, em geral, além dos estudos que figuram neste volume que lhes é dedicado (vol. 7), muitos outros que, na sua abrangência cultural e genológica, figuram não só em *Recepção das fontes clássicas em Portugal* (vol. 8), como em *Estudos sobre Língua e Literatura portuguesas* (vol. 9) e ainda em *Estudos sobre Roma Antiga. A Europa e o legado Clássico* (vol. 5). É neste último livro que se insere um importante estudo, “Nas origens do Humanismo Ocidental: os tratados filosóficos ciceronianos” (pp. 105-121), que marca a presença continuada de Cícero até à modernidade e documenta um profundo conhecimento da especificidade do Humanismo renascentista, em Portugal.

Publicado em 1948 (vol. 5, pp. 17-103), um longo estudo sobre os principais géneros literários, “Lições de Literatura Latina”, revela já, nos verdes anos da sua autora, um sólido conhecimento e uma grande sensibilidade ao fenómeno literário e à excelência da Roma antiga na universalização da cultura helénica.

A fonte clássica, presente em toda a literatura ocidental, orienta a obra de Maria Helena da Rocha Pereira sobre Literatura Neolatina e Literatura Portuguesa que constitui uma referência incontornável não só para o estudo da cultura greco-romana, mas também para a análise da forma como o legado da Antiguidade adquiriu um novo significado durante o Renascimento em Portugal e muito além dele.

Aliás, nos quatro livros que vimos a considerar (vols. 5, 7, 8, 9), vários são os estudos que articulam o saber clássico com a expressão portuguesa quinhentista, a que Dante deu o tom na defesa das línguas vulgares, no *De vulgari eloquentia*, com eco na

Defense et Illustration de la Langue Française de Du Bellay e, entre nós, nas obras de João de Barros, Fernão de Oliveira e António Ferreira. Neste particular, um estudo de grande alcance temático é o que se intitula “Elogios da língua portuguesa” (vol. 9), em que se incluem questões linguísticas e outras de ampla significação nacional, desde o século XVI – em que o castelhano se impunha a partir da corte, com rainhas espanholas e o seu séquito – ao século XX, de Camões a Pessoa.

Neste mesmo volume, se trata da história da ortografia da língua portuguesa, em que são privilegiados autores quinhentistas. Entre todos, Camões tem um merecido relevo, com singular riqueza de pormenor temático e de global compreensão da sua obra, dentro dos cânones estéticos e formais do século XVI – “Camoniana varia” (vol. 9, pp. 197-349).

A obra-prima *Os Lusíadas*, que pode ser vista como uma síntese da epopeia clássica e do espírito explorador do seu tempo, exemplifica a convergência entre o ideal renascentista e a realidade portuguesa. A obra de Camões não é apenas uma celebração das descobertas e das conquistas marítimas, mas também uma reflexão profunda sobre os mistérios da condição humana, impregnada de referências à mitologia, à filosofia e à estética clássicas. Da mesma forma, escritores quinhentistas demonstraram sintonia com os ideais humanistas, numa tentativa de harmonizar o legado greco-latino com os valores emergentes de uma nova sociedade. E não faltam lições de grande beleza e conhecimento de tantos outros autores do património literário do Renascimento, ao longo dos volumes que incluem todo um acervo literário, revelador do seu interesse universal pelas *litterae humaniores et recentiores* em Portugal.

Nos seus diferentes estudos sobre a influência clássica, Maria Helena da Rocha Pereira distingue-se pela sensibilidade e rigor com que articula a relação entre os clássicos e as novas formas de expressão em autores portugueses, em Latim e em Português.

Com exemplar facilidade encontra beleza consumada nas “palavras aladas” do *poiètes* de todos os tempos, que a Musa Antiga inspira: Garcia de Resende, Gil Vicente, Camões, António Ferreira, Correia Garção, Bocage, Marquesa de Alorna, Camilo, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Augusto Gil, Miguel Torga, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, David Mourão Ferreira, José Augusto Seabra, Manuel Alegre, Hélia Correia, entre outros.

A análise da obra destes autores de diferentes gerações revela que cada um, a seu modo, soube dialogar com os modelos da Antiguidade e incorporar e transformar os elementos da tradição clássica à luz dos ideais estéticos e ideológicos da sua época. Não houve assim uma mera transposição de modelos, mas uma síntese criativa que conferiu originalidade à literatura, em Portugal.

Na verdade, a investigação, a que apaixonadamente se dedicou a Professora de Coimbra que atravessa toda a Antiguidade greco-latina e culmina na sua receção, oferece uma reflexão indispensável sobre os processos pelos quais a cultura clássica continua a influenciar a identidade portuguesa.

Hoje, no centenário do nascimento de Maria Helena da Rocha Pereira, na sua cidade (Porto, 3 de setembro de 1925 – Porto, 10 de abril de 2017), revivemos a sua herança com um sentimento de profundo respeito e gratidão.

Aue atque uale, Magistra!

KALOS KAI AGATHOS
E O AMOR PELA ARTE CLÁSSICA

Rui Moraes

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade do Porto

ORCID: 0000-0002-5052-7164

Delfos

Paisagem despida e nua
Pedras sagradas, erguidas pela mão do Homem,
assiste Febo Apolo, sereno,
no centro do Mundo situado.

Poema do autor em homenagem a MHRP

“Eu vivo com os antigos”¹

Platão, filósofo bem conhecido da nossa homenagem – devendo-se-lhe a ela a tradução da *República*-, imaginava *kalokagathia* como a soma de todas as virtudes, de entre as quais ressaltavam a bondade, a nobreza e a beleza. A estas virtudes somava ainda Maria Helena da Rocha Pereira outras excelências, em particular

¹ Frase proferida numa entrevista ao Jornal *Público* por M. H. da Rocha Pereira (quinta-feira, 6 de setembro de 2001).

uma ética irreprovável e uma alta capacidade intelectual, próprias de uma mente cultivada, no sentido aristotélico de uma vida plena e virtuosa.

Celebrar o Centenário de Maria Helena da Rocha Pereira é o modo mais nobre para demonstrar o quanto lhe somos devedores, numa dimensão não apenas académica, nacional e internacional, mas também na de todos aqueles que com ela privaram ou puderam usufruir dos seus ensinamentos, oralmente transmitidos ou pela leitura da sua infindável obra. A excelsa qualidade que a distingue levou à sua reedição, compilando-se centenas de trabalhos em dez volumes, numa iniciativa conjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra e da Fundação Calouste Gulbenkian. As características e as particularidades editoriais de algumas delas fizeram com que não pudessem ter sido contempladas naqueles volumes. De entre outras, podemos destacar a edição crítica de Pausânias, *Graeciae descriptio*, publicada na prestigiada *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*, respetivamente nos anos de 1973, 1977 e 1981, e reeditada em 1989-1990. Estamos perante um trabalho magnífico que a havia de projetar a nível internacional, com críticas muito favoráveis nas revistas da especialidade. A propósito, não resistimos em transcrever as palavras de Delfim Leão, seu discípulo, quando num dos textos de homenagem que lhe dedicou refere que “a própria deixava escapar por vezes, com indisfarçada satisfação, o facto de dois grandes especialistas em mitologia (W. Burkert) e arte grega (J. Boardman) lhe terem confessado a frequência com que consultavam os índices que ela havia produzido para esta edição, num claro sinal do impacto internacional produzido pela publicação.”

Neste breve texto, não é nossa intenção traçar o percurso excepcional da nossa homenagem, pois tal desígnio já foi cumprido por quem estava devidamente habilitado a fazê-lo. O meu testemunho é muito mais modesto, de um arqueólogo de formação, mas que o destino levaria a ter o privilégio de aprender com M. H. da Rocha

Pereira a beleza da Arte Clássica e, em particular, o gosto pelo estudo dos Vasos Gregos, tema a que me tenho dedicado nos últimos anos. É também o testemunho de quem partilhou alguns momentos de convívio e pôde, em tempo devido, participar e dedicar-lhe singelas, mas merecidas e sentidas homenagens. Algumas traduzem-se em publicações e noutras iniciativas mais agregadoras, mas não menos prestigiantes, a que aqui iremos brevemente aludir. Mas a história começa antes...

O amor de M. H. da Rocha Pereira pela antiguidade começou bem cedo ainda como estudante liceal na cidade invicta, no renomado liceu D. Carolina Michaëlis. Mas foi a obtenção de uma bolsa de estudos do instituto de Alta Cultura para o ano letivo de 1950/1951 que lhe permitiu matricular-se na prestigiada Universidade de Oxford. Tratava-se de um período ainda de grandes incertezas, de racionamento de bens de consumo, como consequência do grande conflito que havia dilacerado a Europa e o mundo há apenas cinco anos. Como se poderá imaginar, aquela iniciativa exigiu um grande esforço pessoal, e levá-la-ia para longe da sua amada família, que desde sempre a acompanhou. A força e a vontade inabaláveis, e diríamos ainda a grande capacidade de resiliência, iriam moldar a sua vida futura, como académica e como uma das maiores personalidades da cultura da segunda metade do século XX e primeiras décadas da nossa centúria.

Em Oxford iria frequentar as aulas dos mais prestigiados helenistas mundiais, em particular sob o magistério de E. R. Dodds, sobre a Literatura e Religião Gregas. Ávida pelo saber e pelo estudo, M. H. da Rocha Pereira decidiu aprender com outros mestres de renome que marcariam para sempre o seu trajeto e magistério, entre os quais destacamos E. Fraenkel, W. S. Barrett e R. Pfeiffer. Os temas eram vastos e não seria suposto ter um programa de estudos tão intenso, mas eis que alguém lhe pergunta se não gostaria de assistir às aulas da maior autoridade mundial de arte clássica, e em

particular de Vasos Gregos. Seria uma pena não aproveitar a sua estadia para conhecer a maior autoridade na matéria... referimo-nos, naturalmente, a Sir John Beazley, autoridade ainda hoje indiscutível e que fez do estudo dos Vasos Gregos uma nova ciência.

A experiência oxoniense marcaria de forma indelével M. H. da Rocha Pereira, fazendo com que regressasse pouco tempo depois, em 1954, para aprofundar os seus conhecimentos com o seu supervisor oficial, E. R. Dodds, e a dedicar-se a outras temáticas, dentre as quais aquela dos Vasos Gregos. Tal foi o fascínio e o impacto nela causado por Sir John Beazley, que a levaria em 1959 a uma nova estadia, ainda que mais breve, em Oxford, desta vez para trabalhar exclusivamente aquele tema.

O culminar desta aventura resultou na publicação, anos mais tarde, em 1962, da célebre obra *Greek Vases in Portugal*, reeditada pela Imprensa da Universidade em 2016. Vale a pena transcrever as palavras iniciais deste estudo:

“In 1950-1951, during my first sojourn as a recognized student in the University of Oxford, I was lucky enough to attend Prof. Sir John Beazley’s lectures on Greek Vases. Anybody who has been granted this privilege knows how stimulating contact with this most famous scholar can be. I will, therefore, only state a few facts which may be of interest to readers of this book: when I went to Oxford again, in the Michaelmas Term, 1954, I had already collected most of the material for my first paper on the subject (afterwards published in Humanitas vii-viii); then in March and April 1959, after I had gained access to other collections, I worked under Prof. Beazley’s supervision. This part of my studies appeared soon afterwards in Humanitas xi-xii and Archivo Español de Arqueología xxxi. A few months later I encountered new material, which I discussed in a paper included in Conimbriga i. I then resolved to collect all the papers in a single volume which would contain

a study of the vases in chronological order, and not, as formerly, according to their whereabouts. This is, therefore, what the reader will find here, together with two further vases and a fragment, which are now published for the first time.

It is my pleasant task to acknowledge help of various kinds towards the completion of this book. Nobody who reads it will need to be told how much the author owes to Prof. Beazley's generous advice, though any blemishes that may have been left are certainly not his. I am also indebted to Prof. A. D. Trendall, of Canberra University, Australia, for some valuable suggestions; to Prof. B. Ashmole, of Oxford University, for a photograph; to Dr. Dietrich von Bothmer, of the Metropolitan Museum in New York, for indicating a reference; and to Mr. J. M. Bairrão Oleiro, of Coimbra University, for some bibliographical references and for introducing me to new material."

A publicação desta magnífica obra correspondeu a uma tarefa hercúlea, cheia de peripécias, incluindo uma noite em branco na Imprensa da Universidade, mas a obra sairia no dia seguinte, a tempo de ser apresentada como estudo complementar às provas públicas para Professor Extraordinário. A sua escrita em língua estrangeira não correspondia aos cânones da época, mas a autora bem sabia que o estudo deveria ser em inglês de modo a permitir a leitura a um público mais vasto, incluindo noutros continentes. A obra foi paga a suas expensas, mas teve certamente o retorno das vendas e rapidamente esgotou. Quando lhe perguntei como foi capaz de reunir todos aqueles vasos numa época em que pouco ou nada se sabia em Portugal sobre o tema, o que naturalmente dificultava qualquer intenção de os compilar, retorquiu com uma experiência que havia tido com um investigador estrangeiro que já lhe havia feito essa pergunta pouco tempo depois da publicação: tratou-se de “um trabalho de detetive”! Efetivamente, mas eu diria também de grande resiliência e revelador de uma vontade incomum e a todos

os níveis notória. M. H. da Rocha Pereira acabava de abrir novos caminhos e novos horizontes de investigação. Seguiram-se muitos outros estudos publicados em revistas nacionais e internacionais, dando-se a conhecer novos vasos até à data desconhecidos, todos eles reunidos em vinte e um estudos no quarto volume, intitulado *Arte Antiga*, da série de dez volumes a que já aludimos.

Destacam-se, pela sua qualidade artística, dois kratêres de colunas de figuras vermelhas atualmente no Museu da Presidência, oferecidos em 1858 pelo Núncio Apostólico em Lisboa, Innocenzo Ferrieri, como prenda de casamento de D. Pedro V com a princesa Hohenzollern-Sigmaringen, Stephanie Josepha Friederike Wilhelmine Antonia. Estes magníficos kratêres ilustram temas muito diferenciados: a guerra e as festividades. Apesar de se desconhecer o contexto arqueológico em que foram encontrados, são vasos com uma história bem documentada e ambos obras de excecional qualidade artística, atribuídas às primeiras produções italiotas de cerâmica grega. Após a morte do Príncipe Consorte, D. Fernando (1885), os vasos terão ficado no Palácio das Necessidades, mas o seu rasto perde-se após a queda da monarquia, em 1910. Graças aos esforços da nossa homenageada, estes vasos foram de novo dados a conhecer². A história é simples, mas não deixa de ser ilustrativa dos seus esforços e tenacidade: conta M. H. da Rocha Pereira que estes vasos haviam sido realojados no Palácio de Belém, hoje residência oficial do Presidente da República, e que teriam sido vistos em cima de um aparador pelo Professor Fernando da Fonseca, por ocasião de uma das suas visitas de foro clínico ao Palácio de Belém. Graças à informação prestada por este insigne Professor, os vasos

² ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Four South Italian Vases in the Lisbon District”, *Humanitas* 27-28 (1975-1976), pp. 227-236; idem, “O Coleccionismo de Vasos Gregos em Portugal: Breve Apontamento”, in *Vasos Gregos em Portugal: aquém das colunas de Hércules*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Instituto Português dos Museus, 2007, pp. 69-71.

puderam ser devidamente estudados e publicados. Sabemos que M. H. da Rocha Pereira teria falado da importância destes vasos ao então Presidente da República, Ramalho Eanes, que, graças à sua conhecida sensibilidade, fez providenciar a sua salvaguarda no interior de vitrinas, podendo nos dias de hoje ser apreciados como das mais valiosas peças do Museu da Presidência.

Várias foram as vicissitudes dos Vasos Gregos em Portugal, que não podem aqui ser brevemente abordadas, mas poder-se-á dizer, com toda a circunstância, que se deve a M. H. da Rocha Pereira a introdução do seu estudo em Portugal, dignificando o nosso país a uma escala internacional, em parte graças à publicação a que já aludimos e aos vários estudos publicados nas mais prestigiadas revistas internacionais em língua inglesa.

Esse reconhecimento foi-lhe feito em vida na exposição e catálogo *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das Colunas de Hércules*, que decorreu entre 26 de janeiro a 15 de julho de 2007, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, que lhe foi dedicada e que a mesma, de modo benevolente, acompanhou como comissária científica.

O sucesso e qualidade desta memorável exposição, patrocinada por D. Manuel de Lancastre, que colocou à disposição do museu uma das melhores coleções até à data reunidas em Portugal, levou a que no ano seguinte esta fosse acolhida no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto. Esta iniciativa, a norte do País, iria ainda possibilitar dar a conhecer a mais antiga coleção de Vasos Gregos do País e que se encontrava inédita. Trata-se de uma pequena coleção reunida por João Allen, um conhecido diplomata e colecionador portuense, descendente de abastadas famílias inglesas e italianas que se estabeleceram em Portugal. Tal como os seus contemporâneos, sobretudo aristocratas, Allen ficou fascinado com a ideia do *Grand Tour*, e viajou por Itália entre setembro de 1826 e maio de 1827, após uma viagem a Paris. Durante esta viagem, adquiriu várias coleções de antiguidades, incluindo uma

pequena coleção de Vasos Gregos, que, com exceção de uma taça ática, são todos itálicos.

Neste breve excuro, falar sobre a excelência e singularidade da vida e obra de M. H. da Rocha Pereira é tarefa difícil de alcançar. Essa mesma singularidade expressa-se nos distintos prémios atribuídos em vida, nomeadamente o Prémio P.E.N. Clube Português de Ensaio, pela obra “Novos ensaios sobre temas clássicos na poesia portuguesa” (1989), o Prémio Jacinto do Prado Coelho do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, pelo ensaio “Portugal e a herança clássica e outros textos” (2003), o Prémio Troféu Latino, da União Latina (2006), o Prémio Universidade de Coimbra (2006), o Prémio de Cultura Padre Manuel Antunes (2008), o Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (2010).

Para além destes inúmeros prémios, M. H. da Rocha Pereira haveria de ser agraciada, a 9 de junho de 2004, com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, e em 2009 com o grau de doutor *honoris causa* pela Universidade de Lisboa. Muitas outras homenagens lhe foram sendo prestadas em vida e depois do seu desaparecimento, tantas que seria impossível aqui aludir, pois corríamos o risco de não podermos aludir a todas elas.

M. H. da Rocha Pereira, nascida a 3 de setembro de 1925, no Porto, Cedofeita, haveria de deixar-nos com 91 anos, tendo falecido no dia 10 de abril de 2017, na sua invicta cidade. A sua memória haveria de ser celebrada pouco tempo depois num ciclo de conferências no *Centro Cultural de Belém* (CCB), numa iniciativa comissariada pelo autor deste breve texto de homenagem e pelo seu discípulo, Delfim Leão. Com esta iniciativa, impulsionada pelo atual diretor do Museu Nacional de Arqueologia, António Carvalho, também se pretendeu homenagear o saudoso Vasco Graça Moura, que tinha sido um dos diretores daquela instituição, e falecido a 27 de abril de 2014, com 72 anos. As pessoas que privaram com ambos sabiam que eram bons amigos e que tinham uma forte ad-

miração um pelo outro. A ideia primigénia que haveria de resultar neste ciclo de homenagens teria partido do próprio Vasco Graça Moura, que pouco antes de falecer pretendia conceber uma nova exposição sobre Vasos Gregos, reconhecendo o valor desta arte da antiguidade e, certamente, como forma de homenagear a sua amiga. Por razões logísticas, não foi possível realizar-se a exposição, mas pôde celebrar-se em memória de ambos duas sessões integradas no ciclo de conferências intituladas *De Zeus a Varoufakis: A Grécia nos destinos da Europa*. As sessões decorreram entre os dias 24 de fevereiro e 3 de março de 2018, e tiveram como tema *O Perene e o Belo: Ecos da Antiguidade Clássica*. Aí estiveram presentes familiares, amigos de longa data, e outros colegas de renome nacional e internacional, representando distintas academias e instituições museológicas, mas também do mundo literário.

Estamos conscientes de que as homenagens nunca se esgotam, pois sentimos que é nosso dever fazer perdurar a memória de alguém que formou centenas de alunos ao longo de uma vasta carreira académica, reconhecidamente brilhante. Entre nós, os estudos sobre os Vasos Gregos podem ter um futuro promissor, mas ainda necessitamos de fazer uma longa caminhada e aprender com os conhecimentos e resiliência transmitidos por M. H. da Rocha Pereira. E foi graças a esses ensinamentos que mais recentemente nos aventurámos num reestudo dos Vasos Gregos em Portugal, precisamente em sua homenagem. Referimo-nos a uma publicação parcialmente bilingue editada em três volumes, intitulada *Myths, Gods & Heroes. Greek Vases in Portugal / Mitos, Deuses & Heróis. Vasos Gregos em Portugal*.

(Página deixada propositadamente em branco)

MARIA HELENA ROCHA PEREIRA

Anabela Mota Ribeiro¹

Nasceu em casa, num tempo que já não se respira. Um tempo em que as meninas tinham preceptoras que iam a casa, diariamente, dar a lição. A casa era um palacete, no meio de um jardim grande e bonito, no Porto. Quando aos 18 anos se mudou para Coimbra, sentiu falta do jardim. E hoje, à entrada da porta, há “um jardim de vasos”, que é seu.

A casa é recatada, tem as paredes revestidas de livros, algumas prateleiras abrigam uma segunda fila. Os Livros, o Saber, são a sua vida.

Maria Helena da Rocha Pereira tem 78 anos. Foi a primeira professora catedrática da secular Universidade de Coimbra. A primeira em 666 anos. A primeira a prestar provas. Carolina Michaelis tinha sido convidada.

Viveu sempre com os antigos. Abraçou o estudo dos gregos e latinos como se abraça o sacerdócio. Não casou, não teve filhos. Tem quatro sobrinhos que adora.

É por causa dessa dedicação exclusiva que podemos ler em português a “República” de Platão ou “As Bacantes” de Eurípides, por exemplo. Elaborou a “Hélade”, antologia da cultura grega, porque os alunos provenientes dos mais diversos cursos nem sempre

¹ Entrevista publicada no DNa, do Diário de Notícias em dezembro de 2003.

sabiam grego. Traduziu a “Medeia” ou a “Antígona” a pedido do grupo de teatro da universidade. Mas diz que detesta traduzir. Gosta muito de estudar e ensinar e a isso votou a sua existência. Ensinou durante quarenta anos, é professora jubilada desde 1995. Deixou de dar aulas, mas continua a orientar mestrados e doutoramentos.

Tem uns olhos muito azuis que ainda sorriem e se emocionam.

Aos seis anos já ensinava as empregadas a ler.

A maior parte das empregadas, ou quase todas, não sabiam ler. Gostavam de trabalhar na cozinha e eu lia-lhes poemas simples. Fazia-me confusão que alguém não soubesse ler. Considerava o saber ler, não direi um privilégio, mas uma vantagem. Aprendi muito cedo, aos quatro anos. Quem andava a aprender, era a minha irmã, mais velha dois anos. A minha mãe ensinou-me as letras, e depois fiz o resto. A leitura foi pouco menos que automática. Portanto, ensinava-as. Isto mais ou menos até aos onze, doze anos; de maneira de ensinei muitas. Nesse tempo era frequente que uma casa tivesse duas ou três empregadas.

A sua mãe tinha uma formação académica?

Tinha estudos, mas não como hoje é corrente. O pai sabia e naturalmente tomava decisões, mas quem se ocupava de perto da nossa educação era a mãe. Este tempo é-lhe totalmente alheio, mas vou dizer-lhe: foi um certo escândalo que a minha mãe quisesse matricular-nos no liceu. Porque as meninas bem iam para o colégio. Foi uma escolha de qualidade, o ensino no liceu era infinitamente superior ao do colégio. Segundo escândalo: irmos para a universidade.

Foi para o liceu com que idade?

Fiz exame com nove anos. Estava preparada aos oito, mas não era permitido entrar quem não completasse dez até ao final do ano civil. Tive de esperar um ano. O que não foi mau, porque fiz uma quarta-classe extremamente sólida, que é fundamental para a continuação

dos estudos, e está na base do insucesso de hoje. Depois andei no Carolina Michaëlis, do primeiro ao sétimo ano. Havia o inconveniente de o liceu ser gelado... Eu era o que se chama uma criança fraca, débil; doenças do frio, anginas, gripes, eram umas atrás das outras.

Depois do liceu, vem estudar para Coimbra. Era claro que queria seguir a carreira universitária?

Nesse tempo a carreira universitária era impensável para uma rapariga. Havia duas ou três senhoras assistentes em Ciências; mas estavam um tempo e depois iam embora. A minha faculdade era totalmente avessa à contratação de senhoras. Isto não me impedia de estudar! Porque eu queria saber. Embora nunca o dissesse, tive sempre o plano de seguir uma carreira universitária. A minha mãe e a minha irmã sabiam. Mais tarde, os meus condiscípulos diziam que sempre tinham percebido que eu queria seguir a carreira.

Era o afinco com que estudava?

Comecei a estudar a fundo, a estudar noite e dia. Na universidade, se uma pessoa se limitar às aulas, por muito bons que sejam os professores, sabe muito pouco. Estudei nos anos da Guerra. Lembrome muito bem porque era difícilimo conseguir os livros, que eram todos estrangeiros. Mais tarde, acabei por ir estudar para Inglaterra.

Já lá vamos, a Oxford. Antes, deixe-me perceber porque é que foram as letras que exerceram fascínio sobre si. Na família havia um pendor para as ciências: a sua irmã formou-se em matemática, o seu pai era médico e professor de medicina.

Estudou medicina, mas era do tempo em que se tinha sete anos de latim do liceu. Gostava muito das coisas latinas e dizia versos da “Eneida” de cor. Há um verso do canto primeiro, que um professor dizia ser o verso mais sonoro de toda a latinidade; o meu pai gostava muito de o repetir: “Nimborumque facis tempestatumque potemtem”.

O que é que significa?

“Fazes-me rei das nuvens e das tempestades”. É muito sonoro, de facto. A deusa Juno vai ter com o rei dos ventos para que desencadeie uma tempestade que faça naufragar Eneias; quando lhe dá esta ordem, ele responde, satisfeito: “Fazes-me rei das nuvens e das tempestades”.

O seu interesse pela cultura clássica radica aí?

Tive sempre a ideia de que o latim era uma língua excepcional, que seria maravilhoso estudar. Grego não sabia ainda, aprendi-o em condições particulares a partir do sétimo ano. E gostava muitíssimo de português. Digamos que os valores estéticos, incluindo os da linguagem, me eram extremamente gratos. Aprendi as línguas como acesso às respectivas literaturas: era para ler os grandes autores no original. Não há nada que substitua o original, por muito bem feita que seja a tradução.

Na universidade começa a estudar noite e dia. Porquê?

Para saber, tinha de estudar muito. Fui estudando, fui sempre estudando ao longo dos anos. Mas quando cheguei ao fim do curso ainda era tudo muito insuficiente. Regressei a casa dos meus pais, cheguei a ensinar algum tempo no Centro de Estudos Humanísticos. Passaram-se três anos e foi mesmo a minha mãe que viu que aquilo não era futuro. Se queria doutorar-me... Porque isso estava assente na minha vida: que ia doutorar-me.

Já sabia o que queria fazer à vida? Ainda era pensável o mais previsível dos futuros para uma menina do seu meio, que era constituir família?

Não se proporcionou ocasião de resolver essa questão tão difícil. Tão difícil porque eram pouco compatíveis as duas situações: uma dedicação total ao estudo e a vida de família, que eu entendia

também como uma dedicação total. Não cheguei ao ponto de ter de optar. A minha ideia era, contra tudo e contra todos – sabia muito bem o que pensavam aqui na Universidade de Coimbra – fazer o doutoramento.

Não havia ninguém a estimular o seu propósito?

Havia aqui um professor de grego que considerava, talvez por ser casado com uma mulher muito inteligente, que as mulheres, se tivessem mérito, deviam seguir a carreira. Mas era só ele. Ele mesmo me deu o conselho de ir estudar para o que era então o melhor centro de estudos clássicos: a Universidade de Oxford. E foi isso que fiz. Pedi uma bolsa de estudo, deram-me uma bolsa que não chegava..., o meu pai punha o que faltava.

Que vida era a da sua irmã?

A opção dela tinha sido outra. Queriam que ficasse na faculdade de Ciências do Porto, ela é que não quis. Casou pouco depois, teve aqueles quatro filhos seguidos [aponta para a fotografia sobre o móvel].

Não teve pena de não conhecer aquela dimensão, a da família e dos filhos?

Ajudei muito no que pude na educação dos meus sobrinhos. A minha irmã acompanhava-os na parte das ciências e eu na parte das letras.

Isso é o contacto com as matérias. Outra coisa é o amor e a dedicação.

Ah, era total. Era e é. Tenho uma grande afeição pelos meus sobrinhos, eles também a têm por mim.

Então não lamentou não ter tido filhos?

Não. Digamos que tinha a compensação dos meus sobrinhos, que iam muito para casa dos meus pais.

Mas nunca é a mesma coisa.

É claro. Senão, é porque a mãe não presta.

Quando chegou a Londres a Guerra tinha acabado há cinco anos. Vivia-se ainda o racionamento dos bens de consumo.

O racionamento estava ainda no máximo. Quando cheguei tinham acabado de se tornar livres o leite e o sabão. Tudo o resto era com pontos, cumprido fielmente e muito bem pensado. Dietistas estudaram o racionamento com o mínimo necessário com o que uma pessoa podia andar em pé. E havia pontos extra, “Old age tea” por exemplo, para as pessoas de idade que estavam habituadas ao seu chá. É uma coisa muito bonita, não é?

O que foi para si Oxford em 1950?

Foi uma oportunidade única. Tinha professores de uma qualidade extraordinária, mundialmente conhecidos, entre os quais dois alemães que tinham fugido ao nazismo, notabilíssimos. E ao mesmo tempo... Eu tinha estado em França nas férias grandes, a estudar, a ler livros na biblioteca nacional. Cá não havia nada. E era um país caído. Em Paris havia por todos os lados raminhos de flores: “Aqui caiu fulano, lutando pela liberdade”. Aqui caiu. A Inglaterra era um país de pé. Era extraordinária a consciência cívica, o espírito de resistência e de vitória.

A ocupação em França foi sentida como uma faca no peito.

Pois foi. Mas também foi o país que se rendeu. A Inglaterra foi o país que nunca se rendeu. Até à entrada dos Estados Unidos, lutaram sozinhos, com Londres a ser bombardeada – na cidade ainda havia marcas disso.

A sua tese de doutoramento é sobre o conceito de Felicidade no Além. Porque é que escolheu este tema?

Acho um tema sedutor: o que é que um homem entende por Felicidade. E neste caso, transposto para o Além.

O primeiro elemento que destaca é Felicidade. Aparentemente o mais sedutor seria o Além, por ser a incógnita absoluta.

A minha primeira ideia era o quadro do Além em geral, incluindo os Infernos – que os gregos chamavam de outra maneira: Hades. O que levaria a um trabalho sobre a estética do horror. Na literatura latina (eu tinha começado por aí), havia várias descrições do Inferno, do Além. A mais famosa e extraordinária é a da “Eneida”. É a tal estética do horripilante. Do medo, também. Depois verifiquei que o tema era inesgotável. Acabei por ficar com a Felicidade no Além, de Homero a Platão, e o que isso implica na ideia de julgamento moral.

Pode explicitar a noção de julgamento moral?

A noção vai-se formando aos poucos. Em Homero não existe. Todos vão para o Hades, incluindo Aquiles, que Ulisses encontra. Encontra-o e diz-lhe que ele é feliz, porque é rei no Hades. E Aquiles diz que mais vale ser servo da gleba na Terra do que ser rei de todos os mortos. A vida no Além é imaginada como compreendendo uma série de sombras. Todos continuam as actividades que tinham, mas numa terra triste. Aquiles, como era rei em vida, continua a ser rei no Além.

Na “Odisseia”, Ulisses encontra no Hades um dos seus homens, que tinha morrido sem que este o soubesse. Aparece a Ulisses porque não tinha tido rituais fúnebres. Porque é que estes rituais eram tão fundamentais para os gregos?

Em todos os povos existe a ideia do ritual fúnebre. A ideia de que a alma (não ainda no sentido filosófico, mas a tal sombra) não terá descanso se não tiver os rituais fúnebres. Isto tem um pouco que ver com a necessidade de nos separarmos materialmente dos mortos. Não só a necessidade de marcar esse afastamento, mas também a de que é preciso dar-lhes sepultura. Na “Ilíada” há momentos em que a acção guerreira é suspensa para cada um dos povos em confronto sepultar os seus mortos.

A pessoa não tinha honra se o ritual não fosse prestado?

Não tinha honra, não tinha descanso.

O que é que se pode entender por descanso?

Uma ideia primitiva da morte é a de que ela representa o descanso. O nada. Dizendo o nada estou a importar uma ideia que é posterior. Os vivos consolam-se um pouco com a ideia de que aqueles que lhes eram caros estão em descanso. Ainda hoje está nas fórmulas da Igreja Católica: Descanso Eterno. A aparição dos mortos sob a forma de fantasmas está ligada a isto: vêm atormentar os vivos porque não estão em descanso eterno.

Aquiles diz que preferia ser servo da gleba na Terra do que ser rei de todos os mortos. Isto não pressupõe uma inquietação ou tristeza que contraria o que se imagina que seja o descanso eterno, a paz definitiva?

Digamos que a ideia está ainda em formação. Voltando a Aquiles, há depois a tradição de que vive na Ilha dos Bem Aventurados, um lugar de delícias, com clima privilegiado, e atrás dele vão outras figuras. Começa a noção, que poderá ter vindo da ilha de Creta, de que há um lugar melhor para pessoas muito valentes, como ele. Aos poucos, essa noção vai sendo substituída pela noção de superioridade moral. Isso consubstancia-se nos mitos escatológicos de Platão: há um julgamento post-mortem com destinos diferentes de acordo com o comportamento moral em vida.

Temos ainda uma herança disso quando pensamos que vamos pagar depois de mortos o que andamos a fazer em vida.

Pois temos. Essas ideias gregas passam aos romanos, estão na “Eneida”. Na “Eneida”, ao lado do Hades, há já os Campos Elísios, que nesta altura não são ilhas distantes mas uma parte privilegiada do Hades. A “Eneida” tem uma influência incomen-

surável. Não é por acaso que Dante escolhe Virgílio para o guiar [“Divina Comédia”].

Como pai espiritual.

Não só como poeta, mas como pai espiritual. Está a ver os pontos de passagem?

Quando fez a tese qual era o seu conceito de felicidade?

Pessoalmente? Não arranja uma pergunta mais difícil para me fazer? [risos]

Porque é que é tão difícil?

Naturalmente que fazia parte a noção de felicidade familiar, que era e continua a ser fundamental. E particularmente, para mim, a felicidade no saber, no estudo. Essa nunca a perdi.

A felicidade são momentos fulgurantes?

É mais isso. Posso dar-lhe um momento fulgurante, muito curtinho: quando subi as escadas da Via Latina da Universidade pelo braço do meu pai para fazer concurso para Professora Catedrática.

Porque é que esse momento foi tão mais significativo que o do doutoramento?

Para aquele momento, queria ter a felicidade de ter o meu pai, ainda.

E quando foi à Grécia pela primeira vez e se abraçou a uma coluna?

Ah, eu nem acreditava! Nesse tempo ia-se de barco para Atenas. Tinha havido grandes tremores de terra e por isso não se podia passar o canal de Corinto. Demos a volta toda ao Peloponeso e chegámos a Atenas ao entardecer. Ao entardecer os últimos raios de

sol brilham sobre o Pártenon numa luz mais ou menos rósea – as colunas de mármore vão mudando de cor conforme a hora. É uma vista!, é um deslumbramento!... É uma colina íngreme, a colina da acrópole. Quando cheguei à base, quase não podia andar.

De?

De emoção. E depois acaba no abraço à coluna! Nessa altura podia entrar-se no Pártenon, agora não – já estaria destruído por tantos pés.

Ao abraçar a coluna pôde experimentar a mesma emoção que se tem quando se abraça um pai, alguém que se ama muito?

Talvez fosse parecido. Só que a coluna é tão larga, tem um diâmetro tão grande, que não dá para abraçar tudo ao mesmo tempo.

Chorou?

Não. Tanto não!

Não chora?

Habitualmente não. Às vezes acontece. Eu não era o género de lágrimas... Talvez porque fosse predominantemente intelectual a alegria desse encontro.

Quando subiu as escadas com o seu pai chorou?

Não. Ia felicíssima. Contra tudo e contra todos tinha chegado onde queria.

A tenacidade que a levou a subir degrau a degrau até ser professora catedrática, sente orgulho nela?

Tenho gosto em tê-lo feito. O meu doutoramento foi o primeiro de uma senhora numa universidade que tinha 666 anos, na altura. Eu queria atingir essa meta, indispensável para poder continuar e para ensinar. Gosto muito de ensinar.

A sua ambição era Saber.

Mas isso não é orgulho.

Sente orgulho em Saber?

Não! Até porque nunca se sabe tudo, nem coisa que se pareça. Somos sempre uns ignorantes e temos de ter consciência disso.

“Só sei que nada sei”, parafraseando Sócrates?

É isso que acontece. Estamos sempre a verificar os limites do nosso saber. E à medida que aparecem novidades, e há muitas relativas à Antiguidade Clássica, trazidas sobretudo pela arqueologia, está sempre tudo a alterar-se. A procura do saber é constante. Não somos senão uns humildes aprendizes. Eu costumava dizer no começo das aulas: “Vou ensinar aquilo que sei. Em muitos casos vamos ficar na dúvida. A dúvida é científica. Às vezes é mais científica que a verdade”. Muitas vezes fazia uma exposição o mais completa que podia, chegava ao fim e dizia: “Daqui para diante não sabemos mais”.

Na sua tradução da “Antígona”, de Sófocles, pode ler-se o seguinte: “O homem nada sabe sem queimar os seus pés no fogo ardente”. O que é que se pode saber? O que é que significa queimar os pés no fogo ardente?

Penso que esse fogo ardente simboliza a dor, o sofrimento. Na “Oresteia”, de Ésquilo, está dita em duas palavras apenas: “Pathei Mathos”. Isto é, “No sofrimento está o aprendizado”. Por outras palavras, o homem aprende sofrendo. Aprende as suas limitações.

Escreve-se na “Antígona”: “Não se pode ter a grandeza sem a desgraça”.

É. Nas tragédias gregas, quando menos se espera, desencadeiam-se desgraças sobre o homem, que ele muitas vezes provocou sem

saber. Isto tem que ver com um dos conceitos mais discutidos na “Poética” de Aristóteles: “Hamartia”. Discute-se, e discutir-se-á, e há livros só sobre o assunto, o que é que ele entende por “Hamartia”. Muitos pensam, e eu também penso, que esta “Hamartia” é um errar por desconhecimento. É o que acontece particularmente no “Rei Édipo”, de Sófocles. No fundo, é sempre a ideia das limitações do homem, que não pode ultrapassar a sua medida e tentar igualar-se aos deuses.

Por isso é que o pecado maior é o do orgulho e soberba, a “Hybris”?

Exacto, a insolência, a “Hybris”. Geralmente diz-se que os deuses eram muito vingativos. Um conceito muito primitivo. O que está por detrás disto é a ideia de que há uma entidade superior que castiga os homens se eles tentarem ultrapassar a sua condição. Portanto, a condição humana é frágil, é sujeita a errar e todo o orgulho é punido.

A primeira limitação do homem advém do horizonte da morte? “O Hades é insaciável” (“Antígona”). Todos podem escapar a todo o tipo de infortúnio, mas ninguém escapa à morte.

Ninguém escapa a esse.

Nesse sentido, a morte é o primeiro sinal da nossa limitação. É.

O que é para si o Saber?

Há bocado perguntei se não tinha nenhuma pergunta mais difícil... Faz-me outra! O Saber não se pode atingir. Identifico-me bastante com a Teoria das Ideias que está exposta na “República” e noutros diálogos [de Platão]. As ideias puras, não as atingimos. Atingimos reflexos dessas ideias. Geralmente os caminhos do saber não chegam lá. E quanto mais a ciência avança, mais vemos

até onde vão as nossas limitações. É um pouco paradoxal, mas é o que acontece.

Deixe-me voltar ao excerto “O homem nada sabe sem queimar os seus pés no fogo ardente”. Tanto quanto percebo, resguardou-se sempre de queimar os seus pés no fogo ardente.

Fiz o possível!

Mas então, se não nos expusermos ao sofrimento, não podemos conhecer deveras. Uma exposição à vida.

Eu acho que me expus bastante. Não é muito fácil a uma pessoa que teve uma vida e uma educação no género que descrevi, ir sozinha estudar para Oxford, sem conhecer as pessoas, com hábitos diferentes. Nos países latinos há uma solidariedade maior, por exemplo, quando uma pessoa está doente e todos à volta procuram ajudar. Na Inglaterra não é assim, e experimentei isso. Houve um longo período em que estava débil, uma ciática muito forte, provavelmente provocada pelo clima. Quase não podia andar, para poder ir às aulas tive de ir e vir de taxi. Mas nunca deixei de ir.

Essa tenacidade, já é o tipo de coisa de que se orgulha?

Eu acho que fiz bem, tornava a fazer o mesmo.

Porque é que o mito de Orfeu e Eurídice é um dos seus preferidos?

Não é meu preferido, é dos poetas. Eles é que andam sempre com o mito de Orfeu e Eurídice. Tem uma grande beleza, sem dúvida.

O que há neste mito é o amor de Orfeu por Eurídice, tal que tenta vencer a morte.

Tenta vencer a morte, mas depois não é capaz de se vencer a si próprio.

É vencido pela curiosidade?

Olha para trás. Há quem tenha encontrado outras motivações, além da curiosidade. Os mitos vão recebendo adições e tratamentos diferentes. Na sua formulação que se tornou mais conhecida, que é a das “Geórgicas” de Virgílio, Orfeu não resiste mais e esquece por momentos a condição que a rainha dos mortos lhe tinha tornado obrigatória: não podia olhar para trás antes de chegar à luz do dia. Ele olha e ela desaparece. E depois, em Virgílio, há aquelas últimas palavras de Eurídice: “Não mais tua”...

Posso perguntar-lhe se alguma vez amou?

Eu? Que pergunta tão indiscreta! [risos] Que pergunta tão indiscreta!

Se este mito não é o seu preferido, é qual?

Não tenho uma preferência. Estes mitos que mostram a limitação e ao mesmo tempo a persistência do humano... Como o mito de Sísifo. A pedra cai, mas ele volta a rolá-la. Está na parte final do canto XI da “Odisseia”. Em grande parte traduz a condição humana, é por isso que tem um apelo tão grande em todas as épocas.

No mesmo canto há outro mito famoso, o de Tântalo.

O mito de Tântalo tem mais do que uma versão. Uma delas é esta: ele está morto de sede e mergulhado na água que não pode beber; está morto de fome e vê frutos ao alcance da mão, se tentar tocar-lhes, eles desaparecem. Mas há outra forma do mito: tem uma pedra suspensa sobre a sua cabeça e essa pedra ameaça cair a todo o momento. É só isso. A pedra de Tântalo. É uma versão completamente diferente, que aparece já em Píndaro, por exemplo.

Numa e noutra há qualquer coisa que pende. Há sempre a dúvida.

Num caso há, não direi a angústia, porque a angústia existencial é uma noção moderna, mas o terror de ver cair a pedra, que não se sabe como é. Este mito, nesta versão, reflecte, talvez como nenhum outro, a condição humana.

Não sabemos nunca quando a morte impende sobre nós.

E as catástrofes. Muitas são previsíveis, mas a maioria não. A outra versão do mito de Tântalo, a da fome e da sede, é outra maneira de mostrar as limitações do homem. Parece que tudo está ao seu alcance, e não está.

Nos gregos a questão da sepultura é fundamental. Como é que gostaria de ser lembrada?

Gosto da imortalidade à moda de Platão. Isto é, é só a “Psyche”, a alma, com o sentido que já tem nele. A “Psyche” em Homero é a vida, a respiração; tanto assim que o que está no Hades é a “Psyche”, o corpo ficou na Terra. A alma será algo de imaterial. Nos mitos platónicos, a alma é o que sobrevive e é feliz porque contempla as ideias puras, o Saber, ao qual, em vida, não podemos aceder.

Os antigos escolhiam os seus epitáfios. Se escolhesse o seu, o que seria?

Nunca pensei fazer o meu epitáfio! Agora nem se põe! [pausa] Julgo que é inseparável o gosto do magistério e o estudo. Não tenho a noção antiga do suposto sábio na torre de marfim. Um professor que não crie discípulos não é completo. Bem, estamos outra vez no “Fedro” de Platão, quando diz que o livro diz sempre a mesma coisa... O que interessa é o mestre vivo.

(Página deixada propositadamente em branco)

EPÍLOGO



Fotografia: Augusto Brázio, 2003

**MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA:
UM PERFIL SINGULAR DE EXCELÊNCIA
UNIVERSITÁRIA***

Delfim F. Leão

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra

ORCID: 0000-0002-8107-9165

1. Um tríptico afetivo e intelectual: Porto, Coimbra e Oxford

A Professora Doutora Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira nasceu no Porto, a 3 de setembro de 1925, no seio de uma família de classe média alta, sendo filha de um ilustre Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto – Alfredo da Rocha Pereira –, cujo exemplo tutelar muito influenciaria a futura especialista em Filologia Clássica, sobretudo em certa predileção que cultivaria por figuras ligadas à história da Medicina, como acon-

* A abordagem agora feita baseia-se numa versão mais longa deste texto inicialmente publicada no Brasil, como LEÃO, Delfim, “Maria Helena da Rocha Pereira: uma abordagem transversal da cultura clássica”, in Glaydson José da Silva e Alexandre Galvão Carvalho (orgs.), *Como se escreve a História da Antiguidade. Olhares sobre o Antigo*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2020, pp. 345-354. Uma versão em português e inglês foi republicada como LEÃO, Delfim, “Maria Helena da Rocha Pereira (1925 – 2017)”, in Rui Morais, Rui M. Sobral Centeno e Daniela Ferreira (eds), *Myths, Gods & Heroes | Greek Vases in Portugal Mitos, Deuses & Heróis | Vasos Gregos em Portugal*. Santa Maria da Feira, Porto e Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022, pp. 21-37.

teceria com o estudo das obras médicas de Pedro Hispano, figura notável do séc. XIII, que haveria de tornar-se no primeiro e único Papa português: João XXI. Foi nesta cidade nortenha que M. H. da Rocha Pereira despertou para o fascínio da cultura, favorecida pelo próprio ambiente familiar em que cresceu, bem como pelo ensino de que usufruía no renomado Liceu D. Carolina Michaëlis, que ficava situado nas imediações da casa da família – como a própria gostava de recordar – e não muito longe do local onde viria a falecer 91 anos mais tarde (a 10 de abril de 2017), depois de uma vida inteira dedicada ao estudo. Foi também sobre personalidades ligadas à vitalidade cultural do Porto no séc. XIX (em figuras como Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro) que publicou alguns dos seus primeiros trabalhos (e.g. “As imagens e os sons na lírica de Guerra Junqueiro” e “O Porto na obra de Ramalho Ortigão”, ambos de 1950).

Depois de se haver licenciado em Filologia Clássica, em 1947, na Universidade de Coimbra (onde se matriculara em 1942), seria ainda na cidade do Porto que daria início à sua atividade académica, no âmbito do Centro de Estudos Humanísticos (ligado à Universidade do Porto), onde apresenta uma série de “Lições de Literatura Latina”, proferidas e publicadas em 1948. Nos anos seguintes, continuaria a dedicar-se à lecionação no Porto, até que obtém uma bolsa do Instituto de Alta Cultura para o ano letivo de 1950/1951, que lhe permitirá matricular-se na Universidade de Oxford.

A estadia em Oxford iria juntar-se à ligação umbilical ao Porto e à existência académica em Coimbra, contribuindo assim para formar um tríptico de referências urbanas de eleição que marcariam de forma indelével e contínua o futuro de M. H. da Rocha Pereira. Com efeito, foi em Oxford que se dedicou ao estudo aprofundado da Literatura e Religião Gregas, sob o magistério de E. R. Dodds, quer quando da sua primeira estadia oxoniense, quer quando aí regressou em 1954, para aprofundar os estudos com o mesmo supervisor. Voltaria a Oxford durante um período mais curto, em 1959, desta vez para

trabalhar sobre vasos gregos, com um dos maiores especialistas na área, J. Beazley. Na mesma universidade teve ainda oportunidade de conviver com o magistério de vários outros renomados mestres que marcariam, de formas várias, o seu trajeto científico (e.g. E. Fraenkel, W. S. Barrett, R. Pfeiffer).

Um dos resultados mais palpáveis e duradouros, na carreira de M. H. da Rocha Pereira, desta passagem por Oxford respeita ao interesse pela arte clássica, em particular pelos vasos gregos, que constituíam uma das suas grandes paixões. Entre os numerosos estudos científicos que produziu nesta área do saber, destaca-se em particular o volume *Greek Vases in Portugal*, publicado já em Coimbra (Rocha Pereira, 1962 = Rocha Pereira, 2016: 127-310), com novos “Supplements” saídos em 1967 e em 2008 (= Rocha Pereira, 2016: 311-319 e 321-329, respetivamente).

Estes períodos passados no estrangeiro, pouco depois do grande conflito que dilacerara a Europa e o mundo, comportaram um grande esforço pessoal, em particular para quem tanto gostava de privar com a família, mas acabariam por ser essenciais para alicerçar a futura atividade de M. H. da Rocha Pereira. Com efeito, logo após a primeira estadia em Oxford, seria contratada como Assistente pela Universidade de Coimbra (em outubro de 1951) e, cinco anos depois (em julho de 1956), viria a ser a primeira mulher a doutorar-se em toda a história daquela instituição (curiosamente, em 666 anos). Ainda assim, o caminho não lhe foi facilitado, pois teve de aguardar dezoito meses pela marcação de provas de Doutoramento – o que é bem ilustrativo da retração que se vivia nessa altura em relação à entrada de mulheres na esfera da Academia. Mesmo que essa experiência tenha sido pesada do ponto de vista emocional, contribuiria em todo o caso para lhe acentuar a resiliência perante a adversidade, hasteada sempre num apurado sentido de rigor científico e de inequívoca seriedade intelectual. Com efeito, ainda que, em tempos posteriores, M. H. da Rocha Pereira fosse muitas

vezes evocada pelo que havia feito pela afirmação das mulheres na Academia e na sociedade em geral, ela valorizava sobretudo o que, objetivamente, procurara fazer pela ciência e pelos Estudos Clássicos em particular. Na realidade, apesar daquelas dificuldades iniciais, a sua afirmação científica no interior da Universidade iria verificar-se muito rapidamente: em 1962, prestava provas públicas para Professor Extraordinário e, pouco tempo depois (em 1964), para Professor Catedrático. À sua *alma mater* conimbricense dedicaria assim mais de seis décadas de intenso trabalho, que não seria afetado pelo facto de, em 1995, se ter jubilado, como determinava a lei, ao fazer setenta anos de idade. Efetivamente, em Coimbra manteria durante vinte anos mais o local de trabalho preferencial, tanto no Instituto de Estudos Clássicos como em casa, onde possuía uma imensa biblioteca, que consultava diariamente e cujo acesso facultava a colegas e discípulos, com a mesma dedicação com que a criara e curara ao longo de toda uma vida – biblioteca essa que os herdeiros generosamente doaram à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, para que o acervo assim reunido pudesse manter-se coeso e ser preservado como imagem perene da sua mentora. Na casa da família, no Porto, mantinha igualmente um imponente fundo bibliográfico, sobretudo respeitante à literatura portuguesa e a autores da sua predileção, como Camões. E assim, estivesse num ou noutro local, sempre a companhia dos livros se juntava à das pessoas e à fruição de cada dia, que só ficava completo se dele pudesse extrair algo de útil para a ciência.

2. Uma produção científica singular

Não será fácil correr o risco de exagerar o peso e importância de M. H. da Rocha Pereira no panorama dos Estudos Clássicos em Portugal (e na lusofonia), tantos e tão frutuossos foram os caminhos

e linhas de pesquisa que testou e abriu. Na verdade, pode-se mesmo afirmar que esta área do saber foi de facto refundada e relançada em termos internacionais pelo seu exemplo e magistério. A ela se deve, sem dúvida, a criação de uma ‘escola de Estudos Clássicos’, no sentido mais puro e exigente do termo, expressa em primeiro lugar nos estudos gregos (cultura, literatura e arte), que colhiam a sua predileção, mas visível igualmente nos estudos latinos e neolatinos (medievais e renascentistas), bem como no campo fértil da identificação e análise da perenidade da cultura clássica na literatura portuguesa.

No ano de 2013, numa iniciativa conjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra e da Fundação Calouste Gulbenkian, foi publicado o primeiro volume de uma série de dez livros que reúnem a produção de M. H. da Rocha Pereira. Ainda que o projeto não tivesse como objetivo a publicação dos *Opera Omnia*, pois ficaram de fora importantes volumes, ainda assim congrega, de forma sistemática, centenas de trabalhos que foram sendo publicados ao longo de largas dezenas de anos, com variados selos e no âmbito de múltiplas iniciativas editoriais, tanto em Portugal como no estrangeiro. Este leque muito amplo de contextos de publicação constitui um espelho claro da grande projeção e abrangência da obra da autora. Ainda assim, dificultava de certa forma o seu acesso a um público mais amplo, em particular a quem estivesse menos familiarizado com os canais de publicação académica. Além deste objetivo científico e de disseminação da ciência, que constituiu obviamente o desígnio primeiro e essencial da iniciativa, este plano editorial representou igualmente uma homenagem simbólica feita por duas instituições – a Universidade de Coimbra e a Fundação Calouste Gulbenkian –, cujos portos a autora frequentara durante décadas de intenso labor, como se fossem duas ‘colunas de Héracles’ (para ancorar a metáfora numa expressão que se lhe escutava com alguma frequência). M. H. da Rocha Pereira acompanhou de perto

a planificação de todo o programa de edição (com o redator destas linhas, então Diretor da Imprensa da Universidade), revendo também cuidadosamente os primeiros seis volumes, mas contando nos dois últimos com o apoio de Luísa da Nazaré Ferreira (igualmente sua discípula), que colaboraria de forma direta na montagem dos volumes remanescentes. Infelizmente, Luísa Ferreira também morreria inesperadamente pouco tempo depois da sua Mestre, pelo que o plano de publicação seria continuado por um discípulo de ambas, Carlos Martins de Jesus.

O conjunto de estudos assim republicados corresponde a vários milhares de páginas, amplamente documentadas com a análise atenta das fontes literárias e arqueológicas que eram objeto de estudo, com o recurso à melhor e mais atualizada bibliografia existente à data da publicação e ainda com a discussão criteriosa das várias teorias e hipóteses interpretativas, que tornam a leitura dos trabalhos de M. H. da Rocha Pereira num guia seguro para o conhecimento do estado da arte e das novas tendências de cada assunto que abordava. Só por si, este conjunto de dez grossos volumes é testemunho de uma investigação de primeira importância e de claro recorte internacional. Ainda assim, será revelador referir, mesmo que brevemente, as características das importantes obras que ficaram de fora desta recolha, por razões objetivas que a autora expunha brevemente na nota introdutória ao volume inaugural das suas obras (Rocha Pereira, 2013: vi), mas às quais se justifica dar igualmente algum destaque individualizado.

É esse o caso dos três volumes com a edição crítica *Pausanias, Graeciae Descriptio*, publicada na prestigiada *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*, respetivamente nos anos de 1973, 1977 e 1981. Trata-se do trabalho mais importante da sua carreira e que definitivamente a projetaria como uma figura de relevância internacional além da lusofonia. Reeditado não muito tempo depois da sua publicação (1989-1990), este trabalho representa a

consagração definitiva do seu notável labor académico. A própria deixava escapar por vezes, com indisfarçada satisfação, o facto de dois grandes especialistas em mitologia (W. Burkert) e arte grega (J. Boardman) lhe terem confessado a frequência com que consultavam os índices que ela havia produzido para esta edição, num claro sinal do impacto internacional produzido pela publicação. Justifica-se também sublinhar o simbolismo de a obra de Pausânias ter acabado de ser traduzida integralmente para português, no ano do centenário, por uma antiga e distinta aluna da homenageada: Maria de Fátima Silva.

Embora M. H. da Rocha Pereira comentasse com alguma frequência, de forma um tanto surpreendente, que não gostava de traduzir – preferindo de longe o prazer de fruir os textos no original –, reconhecia em todo o caso a necessidade de publicar em português traduções fidedignas dos Clássicos Gregos e Latinos, atividade a que acabaria assim por dedicar muito do seu tempo. Além dos trabalhos registados na apresentação do plano de republicação das suas obras (com destaque para a tragédia grega), importa aqui referir aquela que é, reconhecidamente, a sua tradução mais difundida e apreciada por gerações sucessivas de leitores: *A República* de Platão. A atestá-lo estão as 17 edições que a obra teve desde que foi publicada pela primeira vez em 1972, sendo a 17ª já de 2023, posterior, portanto, ao ano da sua morte. Trata-se de um caso raro e notável de disseminação de um grande clássico, feito com assinalável sucesso editorial, mas sem ceder em nada no cultivo da seriedade científica que sempre marcou os trabalhos que produziu. Esta obra representa, igualmente, a expressão da relação íntima e constante que a autora teve com a Fundação Calouste Gulbenkian, de que foi conselheira científica durante largas décadas, dando assim um contributo determinante para tornar o Plano de Edições daquela instituição numa referência internacional de primeira linha, no campo da publicação cultural e académica.

3. Mestre e Pedagoga de eleição

Corria o ano de 1994 quando, pouco depois de ter entrado ao serviço na Universidade de Coimbra, como Assistente Estagiário, o autor deste texto foi incumbido por M. H. da Rocha Pereira da tarefa de apurar quantos alunos estavam inscritos na cadeira de *História da Cultura Clássica* – seguramente a mais transversal das matérias então lecionadas na Faculdade de Letras. Os valores apurados superavam os seiscentos estudantes, bastando este número para facultar uma ideia aproximada dos milhares de alunos que, durante cerca de meio século, a Mestre conimbricense preparou e deslumbrou, da mesma forma que, enquanto jovem licenciada, se maravilhara com os Mestres oxonienses. A preocupação de facultar às pessoas em formação guias seguros para se orientarem em matérias tão complexas quanto a Antiguidade Clássica levou M. H. da Rocha Pereira a produzir alguns livros que haveriam de tornar-se verdadeiros pontos de referência para gerações sucessivas de formandos e também para o público em geral. O exemplo mais paradigmático dessa preocupação pedagógica encontra-se expresso nos dois tomos dos *Estudos de História da Cultura Clássica*, publicados ambos com chancela da Fundação Calouste Gulbenkian. O volume I, dedicado à *Cultura Grega*, conheceu a primeira edição em 1965, sendo depois sucessivamente reeditado, com tiragens de milhares de exemplares, a ponto de em 2017 estar já na 12ª edição. Ao longo de mais de setecentas páginas, a autora coloca perante os leitores, com rigor e meridiana clareza, os problemas mais complexos da antiguidade grega, desde a Questão Homérica (um dos seus temas de eleição, que com deleite revisitava e atualizava em cada nova edição) até à afirmação dos estudos científicos e literários na Época Helenística, com capítulos sublimes dedicados à literatura, arte, filosofia, religião ou à própria dinâmica histórica da transmissão cultural. Este volume foi e continua a ser, no âmbito da lusofonia,

o guia mais seguro e mais completo para orientar quem procura iniciar-se nos mistérios da cultura grega ou necessita de refrescar conceitos, figuras, marcos históricos e modelos literários. Outro tanto se pode dizer do vol. II, sobre a *Cultura Romana*, publicado mais tarde (em 1984), mas que ainda assim, em 2013, ia já na 5ª edição. Ao longo de quase seiscentas páginas, a autora evoca, com idênticas metodologia e acuidade, marcos fundamentais da cultura e literatura romanas, desde as lendas da fundação até à figura tutelar de Augusto, dedicando ainda uma longa secção às ideias morais e políticas dos Romanos, essenciais para se entender o seu legado civilizacional.

A publicação daqueles dois volumes foi precedida, em ambos os casos, pela produção de coletâneas de textos gregos e latinos, traduzidos pela própria a partir da língua original, de maneira a minorar o impacto negativo da inexistência em Portugal de traduções fidedignas das grandes obras clássicas. Embora o objetivo expresso fosse facultar recolhas de textos seleccionados, para apoio imediato às aulas, e não a tradução completa de determinado autor ou obra, tanto a *Hélade - Antologia da Cultura Grega* (1959, 10ª ed. 2009) como a *Romana - Antologia da Cultura Latina* (1976, 6ª ed. 2010) se tornariam obras de referência para o público em geral, com assinalável sucesso editorial. No mesmo quadro de criação de material didático se insere a publicação em grego da antologia *Poesia Grega Arcaica*, publicada inicialmente em 1979 e dirigida a um público mais restrito e especializado, mas que ainda assim conheceria uma segunda edição em 1994.

Um esforço de sistematização combinado com a vontade de disseminação científica encontra-se, por fim, claramente demonstrado pelo número impressionante de artigos escritos para Enciclopédias: *Verbo* (404); *Logos* (42) e *Biblos* (18); pelos fascículos preparados para o *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária* de José João Cochofel (10), além de um para o *Lexicon*

Iconographicum Mythologiae Classicae (Basileia – Paris) e para o *Dicionário Luís de Camões*. Todos estes trabalhos ficaram de fora dos *Opera* reunidos nos 10 volumes publicados pela Imprensa da Universidade de Coimbra e pela Fundação Calouste Gulbenkian, mas ilustrariam, por si só, uma carreira académica igualmente brilhante. A soma de todos eles – a que se poderia juntar o empenho cívico e o profundo sentido de dignidade institucional – torna a sua autora numa personalidade realmente de exceção.

Por este conjunto de motivos, evocados brevemente ao longo desta resenha biobibliográfica, M. H. da Rocha Pereira impõe-se, de forma natural e indisputada, como um exemplo notável de paradigma académico, de pedagoga dedicada e de investigadora incansável. Se, como a própria gostava com frequência de sublinhar, Homero foi o educador da Grécia, M. H. da Rocha Pereira constitui, sem dúvida, o grande modelo para os Estudos Clássicos na lusofonia e o seu exemplo mais vivo e impactante de projeção internacional.

Trabalhos de MHRP referidos no texto:

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Organização e tradução do grego. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1959; 10ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2009.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Greek Vases in Portugal*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1962.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Platão, A República*. Introdução, tradução do grego e notas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. 14ª ed. 2017.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos de História da Cultura Clássica. Vol. I. Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. 12ª ed. 2017.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos de História da Cultura Clássica. Vol. II. Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. 5ª ed. 2013.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Pausanias. Graeciae Descriptio*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Vols. I-III. Leipzig: Teubner, 1973, 1977 e 1981. 2ª ed. 1989-1990.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Romana. Antologia da Cultura Latina*. Organização e tradução do original. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1976 (com o título *Res Romanae*); 6ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2010.

- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Poesia Grega Arcaica*. Antologia. (no original grego). Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1979; 2ª ed. 1994.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos sobre a Grécia Antiga. Dissertações. Vol. I*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos sobre a Grécia antiga. Artigos. Vol. II*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Traduções do Grego. Vol. III*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Arte Antiga. Vol. IV*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos sobre Roma Antiga, a Europa e o legado clássico. Vol. V*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Latim Medieval. Vol. VI*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Latim Medieval e Renascentista. Vol. VII*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Receção das fontes clássicas em Portugal. Vol. VIII*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2019.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Estudos sobre língua e literatura portuguesas. Vol. IX*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Vol. X: Recensões Críticas, Notícias e Comentários. Vol. X*. Coimbra e Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2022.



Postal enviado a Maria Helena da Rocha Pereira por Sir John e
Lady Marie Beazley

CARMEN SOARES. Professora Catedrática de Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra. Investiga culturas clássicas e patrimónios alimentares e coordena projetos e publicações de prestígio internacionais, como a revista *DIAITA: Food & Heritage*.

DELFIN LEÃO. Professor Catedrático de Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra. Especialista em romance e história antiga, direito grego e teoria política, dedica-se também às humanidades digitais e ao multilinguismo. Coordena a série *Brill's Plutarch Studies*.

FREDERICO LOURENÇO. Professor Catedrático de Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra. Especialista em literatura grega e tradução, tem-se dedicado à tradução de Homero e da Bíblia Grega, e às áreas da literatura clássica e portuguesa.

RUI MORAIS. Professor Associado da Universidade do Porto com Agregação. Especialista em arqueologia e comércio na Antiguidade, tem vasta produção científica sobre arte clássica, em particular vasos gregos, e integra projetos internacionais como o IBERIA GRAEGA.

Série Documentos

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2025

